



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

**ROSEMARY DOS SANTOS PEREIRA SILVA**

**EDUCAÇÃO SEXUAL COMO DESAFIO A GESTÃO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM  
SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR**

**JOÃO PESSOA**

**2021**

**ROSEMARY DOS SANTOS PEREIRA SILVA**

**EDUCAÇÃO SEXUAL COMO DESAFIO A GESTÃO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM  
SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
no Curso de Licenciatura em Pedagogia, do  
Centro de Educação, da Universidade Federal  
da Paraíba, como requisito institucional para  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia

Orientador: Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda Alcantara

**JOÃO PESSOA**

**2021**

**Catálogo na publicação**  
**Seção de Catalogação e Classificação**

S586e Silva, Rosemary dos Santos Pereira.

Educação sexual como desafio a gestão escolar: uma abordagem sob a perspectiva da educação popular / Rosemary dos Santos Pereira Silva. - João Pessoa, 2021. 57f.

Orientação: Marcos Angelus Miranda Alcantara.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Educação sexual. 2. Gestão democrática. 3. Escola pública. I. Alcantara, Marcos Angelus Miranda. II. Título.

UFPB/CE

CDU 612.6.057(043.2)

ROSEMARY DOS SANTOS PEREIRA SILVA

EDUCAÇÃO SEXUAL COMO DESAFIO A GESTÃO ESCOLAR: UMA ABORDAGEM  
SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR

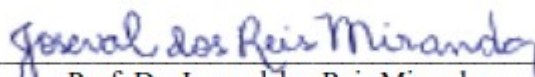
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado  
no Curso de Licenciatura em Pedagogia, do  
Centro de Educação, da Universidade Federal  
da Paraíba, como requisito institucional para  
obtenção do título de Licenciada em  
Pedagogia

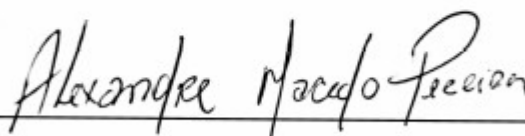
Aprovada em 06 de dezembro de 2021

  
Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara  
Universidade Federal da Paraíba  
CE/DHP - SIAPE 3054964

---

Prof. Dr. Marcos Angelus Miranda de Alcantara  
DHP/CE/UFPB

  
Prof. Dr. Joseval dos Reis Miranda  
DFE/CE/UFPB  
Examinador

  
Prof. Dra. Alexandre Macedo Pereira  
DHP/CE/UFPB  
Examinadora

*“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”.*

(Paulo Freire, 1967)

## AGRADECIMENTOS

Sempre sonhei com o dia que entraria na universidade. Por um tempo esse sonho pareceu ser impossível de realizar. Mas nunca desisti. Hoje com lágrimas nos olhos, estou aqui para agradecer primeiramente a Deus que me sustentou quando pensei em desistir. Sou eternamente grata a todos(as) que me ajudaram a chegar até aqui:

Aos meus pais, que dá forma deles, sempre me incentivaram a cursar o ensino superior. Sem vocês as coisas seriam mais difíceis, amo vocês.

À minha filha, Maria Heloísa, a flor mais linda e preciosa do meu jardim, que chegou em um dos momentos mais difíceis, ressignificando a minha vida, trazendo de volta o colorido para os dias que estavam cinzas. Te amo meu amor.

Ao meu irmão, pela força, pelo incentivo e pelo apoio. Obrigada por ter me ensinado a ser uma fênix.

Às minhas amigas, Samaia Belo (a tampa da minha panela de barro rsrs), Elizangela e Rosangela Pereira, por toda força que me deram quando falei que estava difícil e não me deixaram desistir.

À minha turma do curso de Pedagogia, pelo apoio, pelos ensinamentos, pela paciência em momentos que nem eu me entendia e pelo carinho.

A Marcos Angelus, meu orientador, por me proporcionar a oportunidade de participar do grupo de extensão, onde pude ter uma experiência maravilhosa de aprendizado. Por ter acreditado em mim e ter me dado a chance de mostrar que sou capaz, por ter aceitado esse desafio. Muito obriga por todo apoio.

Ao professor Alexandre Macedo e ao professor Joseval, que formam esta banca avaliadora do Trabalho de Conclusão de Curso. Obrigada pela disposição, dedicação e paciência.

E não poderia deixar de agradecer a uma pessoa muito importante na minha vida, que não está mais aqui entre nós, mas sempre acreditou em mim, me incentivou a estudar e me apoiou em todos os meus sonhos. Obrigada por tudo meu amor, Marcos Antônio da Silva.

## RESUMO

A temática da sexualidade, na história ocidental, é vista como *tabu*, como assunto proibido e/ou controlado. Diante disto se construíram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias de controle discursivo. Este escrito tem como objetivo analisar como a gestão escolar compreende a presença da educação sexual na escola pública. Esta pesquisa tem como enfoque metodológico a fenomenologia, pois busca entender a particularidades da realidade por meio da compreensão dos sujeitos no e com o mundo. Trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo exploratória, com seu referencial teórico construído em torno das categorias da sexualidade (FOUCAULT, 1997), da gestão democrática (SANDER, 2009; LIMA, *et. al.* 2011) e da educação popular (FREIRE, 1987). A análise aborda seu objeto em uma perspectiva fenomenológica (TRIVINOS, 2013) por meio de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 1998). Os dados foram coletados durante o trabalho de campo (PIANA, 2009), em duas escolas da rede municipal de João Pessoa. A coleta dos dados ocorreu através de entrevistas semiestruturadas (FRASER e GONDIM, 2004). Em suma, diante do objetivo geral, do referencial teórico e metodológico, investigamos a hipótese de que a gestão escolar tem uma compreensão de que a educação sexual deve estar restrita no sentido de evitar doenças, gravidez precoce e abuso sexual. A análise dos dados sugere uma compreensão limitada do problema, por parte das gestoras, diante ausência de aspectos como autocuidado, autoconhecimento, respeito à diversidade e problematização de preconceitos, o que compromete a formação do sujeito para a cidadania plena.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação sexual. Gestão democrática. Escola pública.

## **ABSTRACT**

*Sexuality, in western history, is conceived as a taboo, forbidden and/or controlled subject. Hence, endless institutional devices and discursive control strategies were constructed. The following paper has, as its aim, to analyze how school management approaches sexual education at public schools. Therefore, the research has phenomenology as its methodology, since it seeks the understanding of reality's particularities through the comprehension of subjects in and within the world. It is characterized as field research, exploratory, with its theoretical frame based around the sexuality categories (FOUCAULT, 1997), democratic management (SANDER, 2009; LIMA, et al. 2011), and popular education (FREIRE, 1987). Nevertheless, the analysis addresses its object on a phenomenological perspective (TRIVINOS, 2013) by means of qualitative research (MINAYO, 1998). Data was collected during field work (PIANA, 2009), on two municipal João Pessoa's schools; consisting of semi structured interviews (FRASER and GONDIM, 2004). In short, facing the general goal, theoretical and methodological framework, we investigated the hypothesis that school management comprehends that sexual education must attain itself to avoid diseases, early pregnancy, and sexual abuse. Data analysis suggest that administrators have a limited opinion on the problem, given the lack of working on aspects such as selfcare, self-awareness, respect to diversity, and problematization of prejudices, which compromises one's formation to full citizenship.*

**KEYWORDS:** *Sexual education. Democratic management. Public School.*



# SUMÁRIO

|                                                                                                                                                           |           |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                                                                  | <b>11</b> |
| 1.1 PORQUÊ ANALISAR A COMPREENSÃO DA GESTÃO ESCOLAR SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA PÚBLICA, SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR?.....                | 11        |
| 1.2 EDUCAÇÃO SEXUAL, EDUCAÇÃO POPULAR E GESTÃO ESCOLAR SOB ENFOQUE DA PESQUISA: O DIÁLOGO COM A PRODUÇÃO ACADÊMICA, O PROBLEMA E O OBJETO DE ANÁLISE..... | 13        |
| 1.3 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO TRABALHO.....                                                                                                              | 16        |
| <br>                                                                                                                                                      |           |
| <b>2 A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO DESAFIO À GESTÃO ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR: CATEGORIAS DE ANÁLISE, CONCEITOS E PROCEDIMENTOS.....</b>     | <b>17</b> |
| 2.1 A SEXUALIDADE COMO OBJETO DE CONTROLE NOS DIVERSOS DISCURSOS.....                                                                                     | 17        |
| 2.2 GESTÃO ESCOLAR, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO SEXUAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS.....                                                                           | 20        |
| 2.3 O ENFOQUE FENOMENOLÓGICO, OS INSTRUMENTOS DE COLETA, A TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS E A LOCALIDADE.....                                                | 25        |
| <br>                                                                                                                                                      |           |
| <b>3 GESTÃO DEMOCRÁTICA, PARTICIPAÇÃO E CIDADANIA COMO FUNDAMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DE UM DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL COM ESCOLAS E DOCENTES.....</b>     | <b>28</b> |
| 3.1 GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPAÇÃO COMO ELEMENTOS AUSENTES NO DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL.....                                                        | 28        |
| 3.2 ONDE FICA A QUESTÃO DA CIDADANIA NO DEBATE SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA PÚBLICA?.....                                                            | 32        |
| 3.3 A ESCOLA COMO LUGAR DE EDUCAÇÃO SEXUAL E OS GESTORES COMO SEUS AGENTES.....                                                                           | 36        |
| <br>                                                                                                                                                      |           |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                                                                                                                          | <b>39</b> |

|                                                |    |
|------------------------------------------------|----|
| REFERENCIAS.....                               | 43 |
| APÊNDICE.....                                  | 46 |
| TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A GESTORA 1..... | 46 |
| TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A GESTORA 2..... | 49 |
| PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....    | 55 |

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como a gestão escolar compreende a presença da educação sexual na escola pública. Como objetivos específicos, buscou-se: refletir sobre a categoria sexualidade como objeto de controle das práticas religiosas, médicas, políticas e educativas; discutir sobre o papel da gestão escolar como instância corresponsável pela promoção da educação sexual na escola pública; abordar o problema da educação sexual sobre a perspectiva da Educação Popular e da cidadania.

### 1.1 POR QUE ANALISAR A COMPREENSÃO DA GESTÃO ESCOLAR SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA PÚBLICA, SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR?

A partir do momento em que passei a recuperar memórias da adolescência, quando não havia espaço para discutir sobre sexualidade, comecei a questionar a existência de um sistema que defende que determinados assuntos não deveriam ser abordados. Percebi que essas interdições tomam como justificativa uma necessidade de evitar que crianças e adolescentes iniciem a vida sexual antes do tempo. Nem na escola, nem na família esse era um assunto permitido.

Por muito tempo pensei haver algo errado ou impróprio com a sexualidade. Ao longo de minha formação em Pedagogia, entendi que a sociedade é formada a partir de uma base patriarcal, onde o homem põe a culpa de tudo que porventura ocorre na progenitora, pois é ela a responsável por manter a ordem e o bom costume. Nessa linha de entendimento, caberia à mulher se preservar e evitar falar sobre assuntos relacionados à sexualidade, para não despertar a curiosidade masculina ou incentivar a prática sexual.

Nesse sentido, os motivos que me levaram à escolha desta temática, são minhas inquietações, como pedagoga em formação, em saber como gestores de escolas públicas localizadas no bairro do Roger, João Pessoa-PB, abordam ou desenvolvem a mesma dentro da escola, principalmente quando surge alguma indagação por parte dos discentes.

Nesse contexto, entende-se que a temática da

[...] sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõe-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo (FOUCAULT, 1988, p. 09).

Em minha experiência como estudante, hoje posso avaliar, que a sexualidade se configurava como objeto de interdição, não somente das conversas cotidianas, mas do próprio discurso institucional da escola. Em outras palavras, a questão era vista como tabu. Hoje compreendo que se tivesse tido acessado essa discussão com os meus pais ou professores, algumas situações teriam sido evitadas.

Ao longo de minha formação em Pedagogia, pude articular essas inquietações ao campo teórico-prático da educação popular a partir do projeto de extensão *Gestão educacional e Educação Popular: uma proposta formativa para profissionais da educação básica do município de João Pessoa – PB*. No desenvolvimento da pesquisa, foram realizadas visitas as escolas municipais, onde foram visitadas 63 escolas municipais. A partir das visitas pude ver de perto como se dá a relação dos gestores escolares com os alunos, da mesma forma que pude ver como se dá a relação entre os próprios alunos e os demais que contribuem com o desenvolvimento da escola. Essa experiência, assim como as leituras de Paulo Freire sobre Educação Popular, Educação Democrática, Educação Bancária, Pedagogia do Oprimido, entre outros, me fizeram então ter mais clareza da temática que seria problematizada no meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Sendo assim, levanto esta temática para compreender como a questão é tratada nas escolas e para que a gestão escolar, possa de modo democrático, estimular diálogos e ações acerca do tema garantindo às crianças, adolescentes e jovens o acesso às informações de qualidade, baseada em saberes científicos e pedagógicos.

Vale ressaltar, que educação sexual era um dos temas transversais previstos nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), desta forma “o professor deve então entrar em contato com questões teóricas, leituras e discussões sobre as temáticas específicas de sexualidade e suas diferentes abordagens;” (BRASIL, 1997, p. 84). Ainda de acordo com os PCNs, a temática deve ser incorporada na programação pedagógica, por meio de conteúdos de forma transversal nas diferentes áreas do currículo (BRASIL, 1998; PALMA et al., 2015). Segundo os PCNs, a educação e a orientação sexual nas escolas, enquanto atividade transversal, que perpassa todos os níveis de ensino, suas disciplinas e atividades escolares, deve ser construída de forma coletiva ao longo do desenvolvimento do indivíduo.

Nesse sentido, é preciso compreender como a gestão escolar se posiciona diante desta discussão. Uma vez que a partir do momento em que a escola permite a construção de conhecimentos que permeiem atitude e valores no que diz respeito ao aprendizado de seus alunos, estes passarão a desenvolver pensamentos críticos e éticos, fazendo com que passem a pensar sobre suas atitudes e o quanto elas podem afetar a sua vida.

Este trabalho de pesquisa também é relevante do ponto de vista acadêmico. Com base na consulta ao repositório da Universidade Federal da Paraíba, que ocorreu em 17/05/2019. Ao fazermos o recorte de 2015-2020 com o tema Educação Sexual, há 63 TCCs. Desses 24 abordam a temática de forma direta. Vale ressaltar que nenhum dos trabalhos encontrados faz a relação gestão escolar e educação sexual. Os trabalhos encontrados no Repositório da UFPB com o tema Educação Sexual, em parte discorrem sobre gênero e sexualidade, buscando entender como esses temas são tratados na sociedade, de forma geral.

Minha experiência pessoal, minha chegada na universidade e minha vivência com o projeto de extensão Probex (2019) e com o curso de extensão FOGEP (2020), evidenciam a relevância pessoal da pesquisa. A presença dessa temática no debate pedagógico brasileiro, a exemplo da BNCC, demonstra como essa discussão é relevante socialmente. Além disso, a produção acadêmica dos últimos cinco anos, disponível no Repositório da UFPB, ressalta a relevância epistemológica do problema. Portanto, essas três dimensões justificam a necessidade de pensarmos sobre como a gestão das escolas públicas abordam a temática, visto a relação disto com a qualidade de vida dos discentes pertencentes às classes populares.

## 1.2 EDUCAÇÃO SEXUAL, EDUCAÇÃO POPULAR E GESTÃO ESCOLAR SOB ENFOQUE DA PESQUISA: O DIÁLOGO COM A PRODUÇÃO ACADÊMICA, O PROBLEMA E O OBJETO DE ANÁLISE

A Educação Popular pode ser enunciada, segundo o que diz Paulo Freire (1987) a respeito, a partir do ser humano como sujeito e o mundo como objeto que interagem no tempo e no espaço. Ambos estão presentes numa conjuntura socioeconômica e cultural específica, em comunicação constante. Ainda de acordo com Freire (1987), a educação é um feito tipicamente humano, ou seja, apenas o ser humano educa. Nesse sentido, a educação tem um papel essencial na constituição do sujeito. A educação é um processo importante no desenvolvimento da consciência das pessoas, pois possibilita integração e interação.

A sexualidade é uma dimensão constitutiva da experiência humana. Ela se manifesta de várias formas e em diversas culturas, acompanhando o desenvolvimento da humanidade. Entendemos que a “[...] sexualidade seja abordada primeiramente nos espaços familiares de forma direta ou indireta, onde cada família deverá passar seus valores na espera de que as crianças possam assumir esses valores como delas” (BRASIL, 1998 p. 73, 83). Nesse sentido a BNCC (BRASIL, 2017 p. 291) fala que “toda família realiza a educação sexual de suas crianças e jovens, mesmo aquelas que nunca falam abertamente sobre isso”. Porém devemos entender que essa abordagem vem sendo realizada fora dos ciclos familiares, passando a ser

discutida dentro das rodas de conversas, nos espaços escolares e também através de outros meios, tais como livros e pessoas que não fazem parte da família (BRASIL, 1998, p. 77).

Com o advento da tecnologia, as informações circulam rapidamente, sobretudo as chamadas *fakes news*. As informações equivocadas têm induzido os jovens a negligenciarem os processos preventivos ao iniciarem a vida sexual. Essa negligência tem como consequência imediata a contração de Infecções Sexualmente Transmissíveis <sup>1</sup>(ISTs) e a gravidez precoce e sem planejamento, além das experiências traumáticas que podem implicar consequências psicológicas no âmbito afetivo e emocional.

Assim sendo, cabe também à escola e aos profissionais da área da educação que dela fazem parte, buscar meios que auxiliem os alunos para que estes possam esclarecer seus questionamentos e/ou suas dúvidas de forma segura acerca da sexualidade.

Em consulta ao Repositório da UFPB, identificamos 24 TCCs relacionados à temática da Educação Sexual. Dois trabalhos chamaram atenção, pois eles abordam a temática Educação Sexual tendo como objeto a relação entre gênero e sexualidade. O primeiro trabalho *GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERCEPÇÃO DE PROFESSORES/AS DE ESCOLAS DO CAMPO* traz esse correlato na percepção de professores do campo, no qual busca falar como estes profissionais desenvolvem, abordam e trabalham essa temática no contexto da educação do campo.

Segundo Moraes, (2019, p. 13) “[...] há docentes que reconhecem a importância da discussão dessas questões no espaço escolar, já que a escola é a instituição social responsável pela produção e disseminação de conhecimento e formação crítica e social das pessoas”. De acordo com o autor, se faz importante a abordagem da temática e dos assuntos que dela fazem parte nos espaços escolares, tanto pela escola quanto pelos professores, pois esses são responsáveis por desenvolver o pensamento crítico e social dos sujeitos que dela fazem parte.

O segundo trabalho intitulado *ESCOLA EM FOCO: GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DO OLHAR DE ESTUDANTES DE PEDAGOGIA* traz a temática gênero e sexualidade a partir dos estudantes do curso de pedagogia da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Este, por sua vez, busca entender como estudantes formados ou ainda em formação agem quando os alunos das escolas que trabalham ou estagiam trazem questões referente a gênero e sexualidade para sala de aula. A pesquisa demonstra que nem todos os estudantes de pedagogia concordam que esta temática seja levada para a sala de aula. Isto se explica pela

---

<sup>1</sup> O termo segundo a nova nomenclatura adotada pelo Ministério da Saúde (MS). – Ver o decreto - Decreto nº 8.901/2016 e publicada no Diário Oficial da União em 11.11.2016, Seção I, páginas 03 a 17. Disponível em: [https://www.in.gov.br/materia/-/asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/21294097/do1-2016-11-11-decreto-n-8-901-de-10-de-novembro-de-2016-21294039](https://www.in.gov.br/materia/-/asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/21294097/do1-2016-11-11-decreto-n-8-901-de-10-de-novembro-de-2016-21294039) . Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

base familiar tradicional de parcela significativa desses estudantes, amarrada a crenças e verdades determinadas.

Os dois trabalhos aqui citados também levantam a questão da falta de espaços para se discutir assuntos voltados à sexualidade no ambiente responsável pela formação docente, levantando assim a questão da falta de preparo dos mesmos para tratar sobre determinados assuntos, fazendo com que os docentes fiquem sem saber como agir diante de situações e questionamentos levantados pelos seus alunos.

Conforme as pesquisas sinalizam, a sexualidade é um assunto ainda proibido em determinados grupos sociais. Falar em educação sexual, nesses casos, corresponde simbolicamente ao próprio ato de sexual, ou ainda é encarado como estímulo à criança iniciar a vida sexual. Contudo, a educação sexual aborda diversos temas que giram em torno da sexualidade do ser humano, com a finalidade de ajudar o indivíduo com seus anseios, medos e dificuldades. Nesse sentido, é objetivo da educação o cuidado e a proteção, por isso a importância da educação sexual.

Tendo em vista que a escola é um território dinâmico, cujo um dos seus objetivos centrais é a promoção do pensamento crítico, pretendemos discutir aqui o papel da gestão no processo de produção e promoção de conhecimentos dentro e fora do contexto escolar. Não podemos perder de vista que o papel do(a) gestor(a) escolar é essencial, pois pode propor à comunidade escolar e extraescolar políticas institucionais que fomentem o debate sobre a questão. Para que isto aconteça, é preciso que a gestão trabalhe de forma democrática.

A gestão democrática respeita, enquanto princípio inegociável, a pluralidade de ideias e a pluralidade pedagógica. Sendo assim, a gestão democrática fomenta o desenvolvimento de trabalho sobre os diversos temas, dentre eles a sexualidade. O desafio é desenvolver uma gestão escolar que esteja atenta às constantes mudanças que a escola e a sociedade são submetidas.

Desta forma, na busca pelo envolvimento do campo da educação popular na problematização da temática, buscamos pesquisar como ficaram as discussões referente a este que é um dos temas trazidos na BNCC na pasta de ORIENTAÇÃO SEXUAL mesmo não abordando de forma explícita os assuntos referente a sexo, sexualidade, gênero e etc, deixa uma abertura para que se possa levantar essas discussões na escola quando coloca que “O trabalho de Orientação Sexual na escola se faz problematizando, questionando e ampliando o leque de conhecimentos e de opções para que o próprio aluno escolha seu caminho” (BRASIL, 2017, p. 299). Considerando o contexto complexo em que a educação sexual está inserida, nesta pesquisa objetivamos analisar a compreensão da gestão escolar sobre a

educação sexual na escola pública, mais precisamente no bairro do Roger, em João Pessoa/PB.

### 1.3 ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA DO TRABALHO

No capítulo 1 trouxemos a introdução, discorremos sobre o sentido de se analisar a compreensão da gestão escolar sobre a educação sexual na escola pública, sob a perspectiva da educação popular. Explicitamos os motivos que levaram a abordagem temática da educação sexual no contexto da educação pública, que passa pelas dimensões pessoais, acadêmicas e social. Além disso, buscamos discutir a questão no âmbito da construção do objeto da pesquisa, a contextualizando no âmbito da produção de outros TCCs em pedagogia. Por fim, trazemos de modo sucinto a organização e estrutura do trabalho.

No capítulo 2 abordamos nosso referencial teórico e metodológico a partir das leituras diversas para falarmos de maneira fundamentada sobre nosso objeto de pesquisa. Para isso, procuramos delimitar algumas categorias de análise, conceitos e procedimentos operativos. Buscamos compreender melhor como a questão da sexualidade circula nos discursos religiosos, médicos e pedagógicos. Trazemos alguns diálogos possíveis no que diz respeito a gestão escolar, educação popular e educação sexual, além do enfoque fenomenológico, os instrumentos de coleta, a técnica de análise de dados e a localidade onde ocorreu a pesquisa.

No capítulo 3 expomos e ao mesmo tempo discutimos sobre os resultados da pesquisa, com as entrevistas das gestoras. Analisamos os dados partir da visão popular de gestão democrática, que busca contribuir com o desenvolvimento da cidadania plena dos sujeitos através do conhecimento, colocando a escola como lugar de discussões referentes aos mais diversos assuntos entre eles sexo e sexualidade, a partir da educação sexual, tendo seus professores como mediadores.

Nas considerações finais avaliamos em que medida conseguimos nos aproximar de nosso objeto e do cumprimento dos objetivos. Retomamos a compreensão da gestão escolar sobre a educação sexual na escola pública e disto refletimos sobre as aprendizagens decorrentes da própria pesquisa.



## 2 A EDUCAÇÃO SEXUAL COMO DESAFIO À GESTÃO ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO POPULAR: CATEGORIAS DE ANÁLISE, CONCEITOS E PROCEDIMENTOS

Este capítulo foi organizado em três partes: a primeira aborda a sexualidade como objeto de controle dos discursos religiosos caracterizados pela definição do que pode ou não ser dito; o discurso médico, voltado às prevenções das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), e pedagógico caracterizado pela formação de subjetividades. Aqui, dialogamos teoricamente com Foucault (2019); Furlaneto *et al* (2018); Vieira e Matsukura (2017); e Freire (2019).

O segundo tópico abre um campo de possibilidades de diálogo entre a gestão escolar, a educação popular e a educação sexual, no qual discutimos sobre o papel da gestão escolar no campo da educação sexual, sob uma perspectiva da educação popular. Aqui me respaldo nos escritos de Gadotti (2014); Lima *et. al.* (2011); Pereira e Andrade (2007); Henriques (1993); Burdieu (1989); PCNs<sup>2</sup> (1997) e Luck (2009); Scocuglia e Neto (1999); Freire (1997); Vasconcelos e Cruz (2013); Pivesso *et al* (2016).

O terceiro tópico fala sobre o enfoque fenomenológico, os instrumentos utilizados na coleta de dados, bem como a técnica utilizada para realizar a análise dos dados e o local que foi realizada a coleta. Nele tomo como base Trivinos (2013); Piana (2009); Fraser e Gondin (2004) e Minayo (1998), bem como informações contidas na imprensa paraibana referente ao bairro do Roger, local no qual estão localizadas as escolas que foram realizadas a coleta de dados.

### 2.1 A SEXUALIDADE COMO OBJETO DE CONTROLE NOS DIVERSOS DISCURSOS

De acordo com Foucault (2019), no século XVII, antes da Era Vitoriana<sup>3</sup>, a prática do sexo ou o falar sobre sexualidade, era permitida, era um assunto tratado sem pudor, discutido abertamente. No entanto, com um certo tempo, foram ocorrendo mudanças, nas quais se buscava controlar a prática do sexo, fazendo com que os assuntos relacionados a essa prática,

2 De acordo com os documentos que norteiam a Orientação Sexual, no livro 102 do Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), a temática Educação sexual é trabalhada como tema transversal que poderá transpassar todos os conteúdos da educação básica. Para saber mais acesse o conteúdo disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf> Acesso em: 07 de dez. de 2020.

3 Era Vitoriana: “foi o período no qual a **Rainha Vitória** reinou sobre a Inglaterra, no século XIX, durante 63 anos, de junho de 1837 a janeiro de 1901. [...] a era vitoriana se caracterizou também pela rigidez de princípios moralistas e por uma típica solidez política”. Disponível em: <https://www.infoescola.com/historia/era-vitoriana/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

passassem a ser mais restritos. Essa restrição teve início na infância e para que conseguissem êxito nas restrições, os assuntos em torno do sexo eram colocados como sacrilégio. Sendo assim, é possível observar que com isso, a religião abordava a sexualidade de forma moral e controladora, tendo o sexo como objeto exclusivo de reprodução humana. Com isso, não era permitido abordar os referidos assuntos em público, pois tudo poderia provocar um mal-estar social. Essa época ficou conhecida como Era Vitoriana.

Nesse contexto, a religião tinha como objetivo reprimir esse comportamento natural, colocando-o apenas como meio de reprodução. Enquanto a religião tinha esse discurso reprodutor, a medicina tinha como discurso médico controlar a prática sexual por motivos de saúde, como prevenção e controle das doenças sexualmente transmissíveis da época, a exemplo da sífilis. Nesse momento histórico a população ainda não tinha acesso aos meios de prevenção, que embora já existissem, eram escassos a uma parte da sociedade.

A partir do século XVIII, a sexualidade passa a ser um importante tema, em torno do qual se construíram inúmeros dispositivos institucionais e estratégias discursivas (FOUCAULT, 1997). Assim, a temática deixa de ser um objeto restrito ao domínio religioso, torna-se objeto das ciências médicas, da psicanálise, das políticas públicas e também da educação. Desta forma, a discussão acerca da sexualidade como objeto da educação no âmbito escolar ganha lugar nos discursos pedagógicos, tendo em vista a consolidação dos princípios éticos que levem a liberdade e autonomia do indivíduo.

Em se tratando do discurso pedagógico<sup>4</sup>, o estudo sobre a sexualidade como objeto de conhecimento busca o exercício da educação sexual como forma de conscientização e prevenção dos assuntos que permeiam o sexo. Nesse sentido, em meados do século XX, a educação sexual praticada nas escolas tinha como foco o monitoramento da propagação de doenças sexualmente transmissíveis. Esses discursos eram opressores e relacionados aos pressupostos da moral e da religiosidade, que era acentuada pela ideia higienista (FURLANETTO *et al*, 2018).

Diante dessa ideia higienista, as aulas então passaram a ser sobre a reprodução, no qual explanam em que momento e idade, mais ou menos, o corpo da menina começa a ovular, bem como a partir de que momento se inicia a produção de espermatozoides nos meninos e o que ocorre quando acontece o encontro desses gametas; uso dos métodos contraceptivos, tais como pílula anticoncepcional, injeções, DIU, adesivos, entre outros, com o intuito de prevenir

---

4 Discurso pedagógico: O discurso pedagógico é um meio de produzir conhecimentos, dar vozes e valorizar as especificidades da linguagem na tônica do ensino, promovendo assim, a construção do saber, do desenvolvimento moral e intelectual, considerando as infinitas possibilidades discursivas, advinda dos diferentes uso e contextos nos quais a língua se manifesta. Disponível em:

[http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos\\_teses/2010/Lingua\\_Portuguesa/artigo/Artigo\\_luzinete.pdf](http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2010/Lingua_Portuguesa/artigo/Artigo_luzinete.pdf) . Acesso em: 10 de janeiro de 2022

gravidez não planejada e abortos clandestinos; explicação de como deve ser feito o uso dos preservativos e que são distribuídos de forma gratuita pelo Sistema Único de Saúde (SUS) para prevenção das Infecções Sexualmente Transmissíveis (ISTs), tais como sífilis, HIV, entre outras.

Nesse contexto é possível observar que dentro da história, a Educação Sexual foi relacionada a discursos médicos que procuravam ou ainda procuram abordar questões relacionadas a reprodução e a prevenção de doenças. Dessa forma, os assuntos relacionados à sexualidade no ambiente educacional, passaram a ser unicamente abordados pelas disciplinas de Ciências e/ou Biologia, pois são essas as disciplinas que teoricamente são responsáveis por abordar as temáticas no ensino da Educação Básica. Nessa linha de compreensão,

a grande complexidade contida nas relações, incluindo diferentes percepções, padrões culturais e sociais e visões de mundo, torna essencial que a educação sexual seja trabalhada a partir de critérios norteadores, por profissionais qualificados, no intuito de diminuir conflitos e visões pessoais (FURLANETO, *et al*, 2018, p. 13).

É necessário que passemos a pensar os assuntos relacionados à sexualidade de forma que envolva não apenas os aspectos anatômicos e fisiológicos, mas também os elementos pertencentes à cultura social ao qual o indivíduo está inserido: construção da identidade, diversidade, autoconhecimento, respeito aos limites do outro, entre outros. Em suma, desse ponto, a gestão de uma prática educativa deve buscar compreender e enfrentar os conflitos existentes na sociedade, tais como os preconceitos que giram em torno da sexualidade, do gênero, da violência dos assédios e abusos sexuais.

Diante da crise política e da ideologização, pela qual o Brasil passa, discutir a relação entre educação sexual e gestão escolar tornou-se um desafio ainda mais complexo. Mesmo assim, o momento histórico demanda pesquisas que evidenciem os direitos dos cidadãos e que ao mesmo tempo desafiem o *status quo* das forças dominantes. Cabe ressaltar que a escola é um espaço importante no processo de constituição do sujeito. Nesse sentido, Saito (2008), adverte que é importante que as escolas trabalhem com os adolescentes, temas como sexualidade, drogas e projeto de vida.

De acordo com Vieira e Matsukura (2017, p. 4),

modelos de educação sexual na escola podem promover o diálogo, a troca de experiências e informações, maior autonomia quanto ao exercício da sexualidade, como podem contribuir positivamente com a saúde integral dos adolescentes e favorecer a redução de possíveis consequências indesejáveis advindas das vivências sexuais.

Ainda nesse contexto é possível ressaltar que as questões relativas à sexualidade fazem parte do processo da transformação do indivíduo durante toda sua vida e estão vinculados às suas descobertas, seus desejos e valores pessoais. Assim, a escola não deve ignorar este fato. Em relação aos PCNs,

A presente proposta de Orientação Sexual caracteriza-se por trabalhar o esclarecimento e a problematização de questões que favoreçam a reflexão e a ressignificação das informações, emoções e valores recebidos e vividos no decorrer da história de cada um, que tantas vezes prejudicam o desenvolvimento de suas potencialidades. Ressalta-se a importância de se abordar a sexualidade da criança e do adolescente não somente no que tange aos aspectos biológicos, mas também e principalmente aos aspectos sociais, culturais, políticos, econômicos e psíquicos dessa sexualidade. (BRASIL, 1988, p. 87).

Logo, é de suma importância que a gestão das escolas desenvolva e/ou crie espaços onde se possa discutir abertamente o tema da sexualidade, de forma que os discentes se sintam à vontade para tirar suas dúvidas, conversando sobre o que lhes aflige.

Concordando com o que traz o PCNs, a BNCC no caderno de orientação sexual fala que, “Se a escola deseja ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar e que englobe as diversas dimensões do ser humano” (BRASIL, p. 293, 2017).

Segundo Freire (2019), a reflexão crítica sobre a prática se tornar uma exigência da relação teoria/prática, sem a qual a teoria pode ser transformada em meras palavras sem valor e a prática em ativismo. Ou seja, de nada adianta a existência de um documento que ampara a educação sexual dentro das escolas como um de seus temas transversais, se gestores e professores não desenvolverem atividades em torno deles, de forma a levar conhecimento aos alunos, com o objetivo de desenvolver nestes o pensamento crítico.

## 2.2 GESTÃO ESCOLAR, EDUCAÇÃO POPULAR E EDUCAÇÃO SEXUAL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

A educação popular refere-se inicialmente à práxis dos movimentos sociais que lutam pelas mais diversas formas de opressão: colonialismo, capitalismo, machismo, homofobia, racismo etc. No caso das questões atinentes à sexualidade, o lugar de lutas e resistência, primordialmente é o simbólico e o cultural. É no campo cultural e simbólico que se constrói

identidades<sup>5</sup>, através de um processo que é resultante do contato social entre sujeitos e também com a natureza.

A educação popular teve um importante marco histórico no Brasil em meados da década de 1960, conhecida também como educação de base. Um de seus precursores foi Paulo Freire, que conseguiu enxergar as angústias dos oprimidos, passando então a organizar esse grupo de indivíduos, e junto a eles, pensar a situação em que viviam, desenvolvendo neles a criticidade e a vontade de mudar suas realidades.

A educação popular nasceu fora da escola, ou seio das organizações populares, mas seus princípios e sua metodologia, com bases emancipatórias, tiveram uma repercussão tão grande na sociedade que acabaram cruzando fronteiras e os muros das escolas, influenciando práticas educativas, tanto as que acontecem nos sindicatos, nas ONGs, Associações de Moradores, Reuniões do Orçamento Participativo (OP), nos conselhos populares etc. (FONTELLA e MACHADO, p. 01, 2016).

Segundo Scocuglia e Neto (1999), as experimentações no que diz respeito a educação, foram descritas como sendo atividades relacionadas a Educação Popular. Essas práticas ou atividades, originaram-se tanto por parte dos campos de ações que estavam estruturados com a sociedade, como por parte do próprio Estado.

A concepção de educação popular é realizada em conjunto com grupos de educadores, dentro ou fora dos ambientes físicos, atendendo em sua maioria o grupo de massa da sociedade, com o objetivo de desenvolver nesses sujeitos sua capacidade de pensar por si só, de forma crítica, para que assim possam se libertar de seus opressores.

O tecnicismo passado atualmente pelos professores(as), através dos currículos conteudistas, incentiva a inatividade, neutralidade e o conformismo com a estrutura social que abrange o ciclo escolar, ou seja, preservam a apatia dentro das salas de aula (PIVESSO *et al* 2016). Com isso, vemos o quanto é importante o despertar da consciência crítica do indivíduo, através da educação libertadora. Nesse sentido, “[...] você só trabalha realmente em favor das classes populares se você trabalha com elas, discutindo com respeito seus sonhos, seus desejos, suas frustrações, seus medos, suas alegrias” (FREIRE, 1997, p.85).

A educação popular se revela como uma produtora de conhecimentos, não sendo possível ser ela, detentora dos conhecimentos, que fomenta o indivíduo, fazendo com que este seja capaz de se sobressair dentro de uma sociedade que oprime os seus sonhos e o marginaliza. Nesse contexto, o educador popular tem o papel de unir os demais participantes

---

<sup>5</sup> Identidades: Segundo o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, a identidade "é um conceito do qual faz parte a ideia de distinção, de uma marca de diferença entre as pessoas, a começar pelo nome, seguido de todas as características físicas, do modo de agir e de pensar e da história pessoal". Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/128/assim-se-forma-a-identidade> . Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

da equipe pedagógica, para ajudar de forma recíproca, sem incentivar entre eles a disputa e a adversidade, mas fazer com que todos possam desenvolver o conhecimento, através da troca continua de saberes pertinentes para assim corroborar com a autonomia, do sujeito.

Na Educação Popular, não basta que o conteúdo discutido seja revolucionário se o processo de discussão se mantém vertical, pois, assim, o modo de discussão reforça a submissão, apesar de o conteúdo discutido ser emancipador. A Educação Popular enfatiza não o processo de transmissão de conhecimento, mas a ampliação dos espaços de interação cultural e negociação entre os diversos atores envolvidos em determinado problema para a construção compartilhada e conhecimento e da organização política necessários à sua superação (VASCONCELOS e CRUZ, 2013, p. 29).

O espaço escolar está envolto em um território dinâmico que conta com a participação dos gestores pedagógicos e administrativos que juntamente ao corpo pedagógico da instituição estudarão quais temas geradores serão discutidos na escola, na sala de aula e como esses podem contribuir para formação pessoal e crítica dos indivíduos que dela fazem parte<sup>6</sup>. Segundo Gadotti (2014) a gestão democrática e a participação popular fazem parte das “pedagogias participativas” na qual estas, agem de forma positiva no desenvolvimento da aprendizagem, buscando envolver relações e práticas vivenciadas no dia a dia do indivíduo, construindo assim a sua identidade pessoal e coletiva, de forma a incidir positivamente no seu processo de aprender, sem deixar de lado a responsabilidade do poder público para que esse processo de aprendizagem seja desenvolvido. Nesse sentido

É, portanto, fundamental a existência de mecanismos de participação da comunidade escolar que possibilitem a tomada de decisões coletivas para a construção do controle social. Isto é, de modo algum, implica em eximir o Estado da manutenção desta escola. (LIMA *et. al.* 2011, p.7).

Assim sendo, os propósitos educacionais devem ou deveriam ter como objetivo a melhoria e criação de programas voltados a reforma social, uma vez que o indivíduo, a educação destinada a ele e a instituição responsável por formá-lo, sofrem influências sociais, econômicas e culturais com o passar do tempo. Desta forma, não podemos ignorar que essas mudanças expõem os indivíduos cada vez mais e precocemente a diferentes valores e comportamentos relacionados com a afetividade e a vida sexual.

---

<sup>6</sup> A normativa da lei 13.775, 04 de julho de 2019, cria as funções de diretor administrativo e diretor pedagógico das unidades municipais de ensino da rede municipal de João Pessoa, dispõe sobre os critérios de nomeação e dá outras providências. Para saber mais acesse o conteúdo disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pb/j/joao-pessoa/lei-ordinaria/2019/1378/13775/lei-ordinaria-n-13775-2019-cria-as-funcoes-de-diretor-administrativo-e-diretor-pedagogico-das-unidades-municipais-de-ensino-da-rede-municipal-de-joao-pessoa-dispoe-sobre-os-criterios-de-nomeacao-e-da-outras-providencias> Acesso em: 07 de dez. de 2020.

O campo educacional possui suas próprias normas, valores, interesses, instituições etc. Possuem seus próprios mecanismos internos, no qual através deles os trabalhadores a este sistema vinculado adquirem privilégios, fazendo com que passem a agir de forma opressora, onde coagem os demais participantes, fazendo e desfazendo pactos. Ele também é tido antes de qualquer outra coisa, como um espaço no qual os seus participantes se enfrentam, gerando conflitos, na tentativa de assumirem posição legítima, seguindo à vontade apenas de quem decide, sem se basear na lógica ou na razão. Desta forma induz a possíveis dificuldades para analisar como a gestão escolar compreende a presença da educação sexual na escola pública, uma vez que a sociedade está repleta de preconceitos e distorções sobre a sexualidade. Desse modo, “as disputas no campo educacional somente são inteligíveis a partir da análise da estrutura objetiva formada por agentes e instituições, simultaneamente parceiros e adversários, dos moveis construídos e disputados e das estratégias acionadas” (PEREIRA e ANDRADE, 2007, p. 140).

Essas disputas se tornam compreensíveis no momento em que há a análise da estrutura de forma objetiva pelos trabalhadores/as que fazem parte das instituições e de seus colaboradores. Na percepção de Henriques (1993, p. 659), podemos entender que “o campo educacional é uma atividade capaz de construir teorias não como uma tradução imediata das experiências vividas, mas por um devir histórico epistemológico de constantes retificações operadas internamente pelo espírito em atividade de constante reestruturação”.

Nesse segmento, Bourdieu (1989), nos fala que devemos nos aprofundar nas especificações do campo educacional para que desta forma possamos entender os problemas que o cercam. O campo educacional é tido como campo do conhecimento, mas para que este possa funcionar de forma a atender todos os segmentos que dele fazem parte de forma transdisciplinar, é necessário que haja hipótese para os gestores/as educacionais, voltada aos níveis e modalidades de ensino, para que se construa um campo diversificado, com autonomia e aperfeiçoamento, capaz de trabalhar temas transversais tais como educação sexual, previsto nos PCNs, entendendo que é preciso compreender a educação sexual e sua complexidade, com o objetivo de ampliar cada vez mais o conhecimento em torno desta temática para que se possa atuar de forma mais efetiva na formação dos indivíduos.

O campo educacional passa a ter uma noção de gestão educacional visível passando a ser entendida como uma gestão democrática, uma gestão que trabalha em conjunto ou ainda de forma participativa com a sociedade e com os demais membros da instituição com objetivo de formar indivíduos esclarecidos no que diz respeito à educação sexual e sexualidade, bem como em relação aos demais assuntos que fazem parte de sua vivência. Nesse sentido, as

disputas no campo educacional se tornam compreensíveis no momento em que há a análise da estrutura de forma objetiva pelos trabalhadores/as que fazem parte das instituições.

Há a necessidade da profissionalização dos educadores e dos dirigentes educacionais para os níveis e modalidades de ensino, campo educacional diversificado, com autonomia. A própria ideia de gestão passa a ser enunciada no período de redemocratização brasileira, o que prenuncia a construção de um campo de domínio de uma série de saberes que deslocam a ideia de administração para gestão.

As formas como a administração da educação são compreendidas quando abordadas o campo politizado tem características próprias. A noção de gestão educacional se torna visível como gestão democrática a partir da politização do campo da administração da educação. Este está vinculado ao discurso técnico, burocrático e científico. A gestão democrática, por sua vez, está ligada ao campo político-pedagógico, as ideias mais progressistas, ao campo democrático popular. Ambas são distintas, surgem no Brasil em um momento de redemocratização, no qual as classes populares começam a se organizar em busca da luta por seus ideais, liberdade de expressão e democratização da esfera pública.

Nesse sentido, espera-se que gestores e educadores possam colaborar com uma reflexão referente a educação sexual, visando orientar os alunos com o objetivo de quebrar *tabus* e preconceitos existentes nessa temática. Entende-se também que “cabe à escola abordar os diversos pontos de vista, valores e crenças existentes na sociedade para auxiliar o aluno a encontrar um ponto de auto referência por meio da reflexão” (PCN, 1997, p.121).

Nesse sentido Lück (2009, p. 22) fala que:

[...] gestores são os profissionais responsáveis pela organização e orientação administrativa e pedagógica da escola, da qual resulta a formação da cultura e ambiente escolar, que devem ser mobilizadores e estimuladores do desenvolvimento, da construção do conhecimento e da aprendizagem orientada para a cidadania competente.

Segundo Lück, uma gestão democrática é aquela que estimula todos os seus participantes a se envolverem nos desenvolvimentos dos projetos escolares, com o objetivo de estimular o processo de aprendizagem e formação dos alunos.

Assim, o gestor escolar precisa estar atento a todos os acontecimentos do ambiente escolar, tais como as demonstrações de sentimentos dos alunos, entre esses as manifestações de sentimentos sexuais, a fim de buscar maneiras de ajudá-los da melhor forma a conhecer e entender esses sentimentos. E para isso o gestor deve buscar, sempre manter um diálogo com professores e demais profissionais que fazem parte do corpo pedagógico da instituição.



Trazer à tona as questões referentes à educação sexual na escola, pode de alguma forma colaborar para que sejam implantadas práticas sociais mais democráticas. E mesmo que a sociedade não queira discutir tal assunto nas escolas e suas salas de aula, Louro (1995), fala que o silêncio que a sociedade faz referente a este assunto, não significa que ele, bem como os assuntos pertencentes a ele como, sexualidade e gênero, sejam esquecidos, muito menos que seja omitida a desigualdade dentro e fora dela.

Quando se fala em práticas sociais que sejam democráticas, ressaltamos a educação libertadora a partir de Paulo Freire, (1967) que é uma educação que visa a construção de uma posição contrária à opressão, crítica ao neoliberalismo, voltada à educação pública, democrática e para todos. Pensamos em uma escola que possua uma educação crítica com qualidade social<sup>7</sup>, que não se abstenha de debater em seu interior os mais diversos temas, que envolvam as mais diversas questões sociais como a Educação Sexual. Essa temática tem sido um *tabu* na sociedade e na comunidade escolar por envolver questões complexas, como por exemplo, a forma ou metodologia que será utilizada para se trabalhar principalmente com crianças.

### 2.3 O ENFOQUE FENOMENOLÓGICO, OS INSTRUMENTOS DE COLETA, A TÉCNICA DE ANÁLISE DE DADOS E A LOCALIDADE

O enfoque teórico/metodológico desta pesquisa é fenomenológico, uma vez que, a referida pesquisa busca analisar como a gestão escolar compreende a educação sexual na escola pública. Segundo Trivinos (2013, p 04), a fenomenologia é uma proposta metodológica utilizada para entender a realidade a partir percepção dos sujeitos no mundo. Paulo Freire converge com essa ideia geral ao falar em leitura de mundo. Nesse sentido, os sujeitos desta pesquisa são gestores(as) escolares e o mundo é o espaço das escolas públicas do bairro do Roger-JP. A realidade, objeto desta compreensão é a própria educação sexual, bem como nossas chaves de leitura da compreensão desses sujeitos é a educação popular.

Trata-se de uma pesquisa de campo, do tipo exploratória, na qual foi observado como a gestão escolar compreende o papel das(os) gestoras(es) escolar na promoção da educação sexual no espaço educacional. Esta pesquisa que ocorreu de forma remota, por meio de vídeo chamada, utilizando o aplicativo de mensagens *WhatsApp*. Segundo Piana (2009 p. 169),

---

<sup>7</sup> Qualidade social: No âmbito escolar, é aquela escola que “atenta para um conjunto de elementos e dimensões socioeconômicas e culturais que circundam o modo de viver e as expectativas das famílias e de estudantes em relação à educação; que busca compreender as políticas governamentais, os projetos sociais e ambientais em seu sentido”. Para mais informações <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/9dskHZ5yhjhYbXfGNNvm4VK/?lang=pt> . acesso em: 10 de janeiro de 2022.

pesquisa de campo busca informações diretamente com o público pesquisado. É uma prática investigativa que exige que o pesquisador tenha um encontro mais direto. Desse modo é necessário ir ao espaço onde o fenômeno ocorre ou ocorreu e coletar as informações que serão documentadas.

A coleta dos dados ocorreu por meio de uma entrevista semiestruturada, buscando entender a visão da gestão escolar referente à educação sexual nas escolas públicas. Segundo Fraser e Gondim (2004), a entrevista semiestruturada é uma abordagem que almeja compreender uma realidade particular. Ela assume compromisso com a transformação social, por meio da autorreflexão e da ação emancipatória que pretende desencadear nos próprios participantes da pesquisa. Nesse aspecto, entendemos que a realidade dos sujeitos passa a ser construída a partir do momento que este se insere no contexto social passando assim a construir discursos e fundamentando seus comportamentos nos valores provenientes da comunicação com quem partilha suas opiniões, crenças e valores.

Segundo Minayo (1998), uma pesquisa deve passar por três fases: 1) fase exploratória, quando se amadurece o objeto de estudo e delimita-se o problema a ser investigado; 2) fase coleta de dados, se recolhem informações que respondam ao problema; e 3) fase de análise de dados, na qual se faz o tratamento, por inferências e interpretações, dos dados coletados.

Esta pesquisa foi realizada em duas (2) Escolas Públicas situadas no bairro do Roger, cidade de João Pessoa-PB. A escolha por essas escolas, além de lá residir e de já ter estudado em uma dessas instituições até a conclusão do ensino fundamental, também se dá por estar inserida na própria história do bairro.

O bairro do Roger é localizado na zona Norte da cidade de João Pessoa. É dividido em Alto Roger e Baixo Roger. Essa divisão se dá porque até início do século XX o Alto Roger era ocupado por famílias da classe média e o baixo Roger era ocupado por famílias de imigrantes, que vinham do interior da Paraíba e de outros estados. O bairro, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), há vinte anos, já possuía cerca de dez mil moradores. É marcado pela criminalidade e pela falta de assistência por parte do poder público<sup>8</sup>.

O bairro possui em seu entorno o Parque Arruda Câmara e no seu interior, além do comércio local, conta com as duas escolas públicas que foram o *lócus* da pesquisa. Estas, por sua vez, são responsáveis por alfabetizar crianças, jovens e adultos, moradores ou não do bairro do Roger que

---

<sup>8</sup> Para saber mais acesse conteúdo disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%B3ger\\_\(Jo%C3%A3o\\_Pessoa\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/R%C3%B3ger_(Jo%C3%A3o_Pessoa))>. Acesso: 27 de Abr. de 2020.

[...] apresenta marcas expressivas da desigualdade social e econômica de João Pessoa, especialmente quando consideramos suas áreas de população em situação de extrema vulnerabilidade, com habitações precárias, muitas ocupações sem a devida legalização fundiária, insuficientes serviços de saneamento básico, transporte, saúde e educação (CHIANCA, OLIVEIRA e SOUZA, 2019, p. 26).

Apesar de ser um bairro periférico, discriminado por nele ser situado o Presídio Desembargador Flósculo da Nóbrega (Presídio do Roger), condições de moradia e segurança por vezes negligenciadas pelo poder público, seus moradores também apresentam capacidade de organização e mobilização em torno de pautas reivindicativas<sup>9</sup>, a exemplo do protesto pelo auxílio-moradia.

No bairro, também são desenvolvidas atividades culturais e esportivas tais como: jogos de futebol e futsal, quadrilhas juninas, ala ursa, grupo de capoeira e a escola de samba, conforme matéria veiculada<sup>10</sup> sobre o Carnaval 2020, em que foi homenageada a fundadora da Unidos do Roger, Fernanda Bevenutty, falecida em fevereiro de 2020.

Essas atividades são desenvolvidas por moradores do próprio bairro com o objetivo de diminuir a violência e criminalidade que envolve crianças e jovens. Elas também contam com apoio da Casa Pequeno Davi e da escola Piollin que por sua vez conta com o apoio de doações como as do programa *Criança Esperança* para poder desenvolver suas atividades e levar auxílio às crianças e jovens que delas participam.

Portanto, metodologicamente, trata-se de um objeto de pesquisa fenomenológico, que busca operar uma análise no âmbito da compreensão dos sujeitos, que são gestores (as) escolares. É uma pesquisa de campo, que foi realizada nas escolas públicas do bairro do Roger e o instrumento de coleta de dados foram as entrevistas semiestruturadas. Em função disto, a educação popular configura-se em um importante entrecruzamento e princípio analítico, no sentido de aprofundar a compreensão do contexto local e dos sujeitos da pesquisa.

---

9 Disponível em: <<https://paraibaonline.com.br/2020/01/moradores-do-bairro-do-roger-fazem-protesto-contr-a-prefeitura-de-joao-pessoa/>>. Acesso: 27 de Abr. de 2020.

10 Disponível em: <<https://www.clickpb.com.br/paraiba/samba-enredo-de-2020-da-escola-do-rogerfaz-homenagem-fernanda-benvenutty-277177.html>>. Acesso: 27 de Abr. de 2020.

### 3 GESTÃO DEMOCRÁTICA, PARTICIPAÇÃO E CIDADANIA COMO FUNDAMENTOS PARA CONSTRUÇÃO DE UM DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL COM ESCOLAS E DOCENTES

Neste capítulo trazemos os resultados da pesquisa e discorremos sobre a interação realizada com as gestoras das escolas pesquisadas. Buscamos atender aquilo a que se propõe a análise inicial, *analisar como a gestão escolar compreende a presença da educação sexual na escola pública*. Nessa direção, organizamos a análise em três momentos: gestão democrática; cidadania; e a escola como lugar de educação sexual. A análise sugere a necessidade de avançarmos no debate sobre educação para além da questão comportamental e valorativa. Em suma, atenta para necessidade de uma sustentação pedagógica nos elementos da gestão democrática, da participação e da cidadania.

#### 3.1 GESTÃO DEMOCRÁTICA E PARTICIPAÇÃO COMO ELEMENTOS AUSENTES NO DEBATE SOBRE EDUCAÇÃO SEXUAL

Como já pudemos discutir, nos capítulos anteriores, a gestão organiza o funcionamento da escola, suprimindo as necessidades de recursos materiais, como também desenvolve ações educativas com o objetivo de formar os sujeitos que fazem parte da instituição, a fim de torná-los conscientes de seus direitos e deveres. Desta forma, deve então a gestão escolar estar atenta às demandas do ambiente escolar. Seguindo essa linha de reflexão, Lück (2009) nos fala que os gestores escolares devem estimular o desenvolvimento do conhecimento do sujeito, para que este possa no seu processo de aprendizagem desenvolver sua cidadania plena.

Nossas entrevistas nas escolas-campo tiveram como eixo articulador a questão da educação sexual. Embora a temática em si mesma não seja a gestão, a democracia ou a participação<sup>11</sup>, algo nos incomodou na medida em que a coleta e a análise dos dados foi sendo realizada. Interagimos com duas gestoras de escolas distintas e transcrevemos aproximadamente 30 minutos de gravação das entrevistas. A palavra gestão aparece apenas 1 vez em cada uma das entrevistas, e nenhuma das gestoras toca no assunto da democracia e da participação.

Em uma das vezes em que a palavra *gestão* aparece na entrevista é quando a gestora relata o caso de um docente que ao abordar a questão da sexualidade “[...] *chocou, então foi*

---

<sup>11</sup> Participação: nesse sentido é aquela em que todos que fazem parte da escola devem participar do cotidiano escolar (professores, estudantes, funcionários, pais ou responsáveis, pessoas que participam de projetos na escola, e toda a comunidade ao redor da escola). Disponível em:

<https://educacaointegral.org.br/glossario/gestao-democratica/> . acesso em: 10 de janeiro de 2022.

*preciso a prefeitura intervir e... num era na minha gestão não, mas eu era professora daqui quando aconteceu esse caso” (g1).* Não obstante à raridade do aparecimento da ideia de *gestão* nas respostas da gestora, o trecho denota muito mais uma preocupação em deixar claro que o fato ocorreu em uma gestão anterior, isentando a sua administração de qualquer responsabilidade sobre a situação.

Se por um lado, sabemos que não pode a gestão escolar se abster de abordar assuntos socioeducacionais como a educação sexual; por outro, não pode a gestão da escola ao agir administrativamente, perder de vista elementos próprios da gestão, da escola pública como um lugar de democracia e participação das classes populares. Nessa perspectiva, o papel da gestão é abrir espaços para dialogar com os professores e demais participantes do corpo pedagógico sobre educação sexual e sexualidade, a fim de prepará-los para as mais diversas manifestações de comportamentos dos alunos e seus anseios.

Vasconcelos (2011), nos fala que além de transmitir conhecimento, é necessário ampliar os espaços de convivência educacional dos sujeitos, objetivando um maior diálogo sobre os assuntos “problema” que permeiam a sociedade, visando construir um conhecimento compartilhado. Sendo assim o gestor deve ser aquele que articulará os diversos setores dentro e fora do âmbito escolar, aspirando para chegar a uma forma de ultrapassar os muros e barreiras das escolas.

A gestora da segunda escola, por sua vez, demonstra uma preocupação com o estado de vigilância estabelecido na sociedade brasileira entre o início da década de 2020 e os anos anteriores. Nas palavras da gestora: “[...] *tudo é processo, tudo é ministério público. E realmente os pais denunciam mesmo, que não estão nem aí, denunciam mesmo*” (g2). Diante disto, a gestora entende que embora ocupe uma posição vulnerável, diante de possíveis processos, precisa encontrar alternativas: “[...] *a gente tem que se preparar, a gestão tem que se preparar pra poder a gente preparar esses meninos aí. Né?*” (g2).

A mesma compreende que o papel da gestão, em relação à educação sexual, consiste na preparação dela mesma, dos docentes e dos estudantes para o recebimento de informações. Ressaltamos que mais que disseminar ou passar informações, ainda precisamos construir experiências de gestão que incluam a comunidade escolar em suas práticas pedagógicas. Porém elementos como democracia e participação não aparecem no conteúdo das respostas.

No âmbito escolar, é importante entender que democrática e participação são fundamentais para que se tenha a compreensão das discussões relacionadas a temas que envolvam todos os sujeitos que compõem a gestão escolar e todo o corpo pedagógico. Nessa compreensão, é possível perceber pelas colocações das gestoras, que elas em suas atribuições, tem uma certa dificuldade em relacionar a questão da democracia e da participação na

construção de uma agenda pedagógica sobre educação sexual, algo tão importante para se discutir no cotidiano escolar e para o desenvolvimento social dos sujeitos.

Democracia e participação são dimensões políticas que fazem parte da luta dos educadores e dos movimentos sociais, que militam em defesa de projetos desenvolvidos voltados à educação pública de qualidade. Assim sendo, foi possível observar na linha de argumento das gestoras, mesmo ambas demonstrando que possuem conhecimento teórico sobre assunto, que as mesmas, não fazem a relação entre gestão, democracia e participação. Há uma certa desconexão em seu fazer/pensar dessas dimensões políticas e educacionais, como elementos importantes para o desenvolvimento de um processo de ensino/aprendizagem de forma crítica e emancipatória.

Se faz necessário entender que uma gestão democrática e participativa, que conte com a participação de todos os sujeitos que fazem parte da escola, sem eximir o papel do estado de sua manutenção, é importante para possibilitar a melhoria na qualidade da prática pedagógica das escolas, bem como na construção coletiva de seu currículo, uma vez que este deve estar relacionado à realidade local, objetivando apoio efetivo aos indivíduos que fazem parte da escola e da comunidade ao seu entorno.

Como já discutimos, a construção coletiva se torna possível quando há uma gestão escolar democrática que desenvolve suas ações com a participação dos sujeitos que fazem parte da escola e da comunidade ao qual ela está inserida. De acordo com Freire (1997, p. 85) só é possível trabalhar com as classes populares, nesse caso, discutir assuntos que permeiam a sociedade como a educação sexual, se você dialogar respeitando, considerando seus anseios e sonhos.

Em nossas interações com as gestoras das escolas investigadas percebemos que as mesmas enxergam impedimentos na discussão sobre assuntos relacionados à educação sexual e ao mesmo tempo apresentam dificuldade de articular o problema com as especificidades da própria gestão da educação. A família, a religião e o preconceito que giram em torno do assunto, faz com que pensem sobre a necessidade um profissional da educação, ou da saúde, formado especificamente para abordar esse assunto em sala de aula, embora concordem que a educação sexual é fundamental para o desenvolvimento do educando.

Diante do exposto pelas gestoras das duas escolas, fica a pergunta: como a educação sexual foi abordada no espaço escolar a tal ponto que dialogar sobre os assuntos que a permeiam foi proibido dentro da escola? É preciso entender que o/a gestor/a escolar, seja ele/ela administrativo ou pedagógico<sup>12</sup>, deve ser um(a) formador(a) de ideias e pensamentos que busquem novas possibilidades e métodos dentro do processo educativo para romper com

---

<sup>12</sup> Essa divisão é própria do município de João Pessoa conforme explicado em nota no Capítulo 2.

as barreiras e/ou *tabus* que giram em torno da educação sexual ser abordada dentro das escolas públicas, fazendo com que os indivíduos envolvidos possam refletir de forma a entender os benefícios que pode trazer para a sociedade como um todo.

Partindo desse princípio, é fundamental a presença dos mecanismos de participação da comunidade escolar para que possam tornar possível as decisões tomadas pela coletividade, sem eximir o estado de manutenção da escola (LIMA *et. al.* 2011, p.7).

Entendido o papel da gestão escolar, devemos também entender o papel da escola pública democrática uma vez que este espaço de formação educacional deve proporcionar uma educação de qualidade a todos, com o objetivo de formar sujeitos críticos, capazes de exercer sua cidadania plena frente a sociedade em que vivem.

Desta forma a escola deve colocar em pauta os mais diversos assuntos, principalmente aqueles que acabam sendo vistos como um revés por uma sociedade em sua maioria conservadora, que não compreende a forma de como a temática pode ser abordada, distorcendo assim a sua real função dentro dos espaços escolares, como também da sociedade.

O trabalho pedagógico dentro de uma escola demanda, no mínimo, consulta às pesquisas sobre os temas e problemas que se pretende conhecer, observação das situações concretas e planejamento das ações a se desenvolver. Isso se faz necessário para abrir novos caminhos que levem a melhor forma de abordar assuntos como a educação sexual no espaço escolar, de forma que esta não seja vista como um problema pela sociedade e sim uma solução para combater a violência que cresce a cada dia principalmente com as classes populares. Com destaque à juventude negra que vive nas periferias dos centros urbanos.

Gestão, democracia e participação são parte de um todo que devem ou, pelo menos, deveriam estar presentes no debate pedagógico da escola pública. São elementos que ajudam a criar espaços nos quais seja possível desenvolver ações educativas, que abarquem os mais diversos temas transversais, dentre eles a Educação Sexual ou Orientação Sexual, termo trazido pelos Parâmetros Nacionais Curriculares (PCNs).

Sendo assim, não pode a escola pública, que desenvolve uma educação voltada as camadas populares da sociedade, deixar de utilizar mecanismos essenciais para que haja um diálogo cada vez mais democrático e participativo, tanto no desenvolvimento do Projeto

Político-Pedagógico<sup>13</sup> da escola, quanto do seu currículo, devendo estes, serem pensados a contemplar os diversos grupos sociais existentes na sociedade.

### 3.2 ONDE FICA A QUESTÃO DA CIDADANIA NO DEBATE SOBRE A EDUCAÇÃO SEXUAL NA ESCOLA PÚBLICA?

A origem do termo *cidadania* é a palavra latina *civitas*, que tem suas raízes no mundo antigo, mais precisamente no Império Romano. Trata-se daquele morador que gozava de todos os seus direitos dentro da cidade. Em determinado momento o termo passou a englobar todos aqueles que viviam nas cidades ou na civilização romana. Na Grécia, seu equivalente era o morador da *polis* (cidade-estado). Se para os romanos o cidadão está para a *civitas*, para os gregos o político está para a *polis*. Mesmo assim, o mundo antigo até o medievo é caracterizado pelos regimes absolutistas, pelo poder da Igreja e a relação que predomina nesses períodos é entre soberano e súdito.

Somente em meados do século XV, com a elevação da burguesia, que travava uma luta contra o feudalismo e contra o poder da Igreja, que a cidadania aos poucos passou a se tornar objeto do debate filosófico. Manzini Covre (2007) ressalta que em Locke (1632-1704) há uma interpretação sobre a cidadania serve para que a burguesia possa se aproveitar de forma abusiva dos trabalhadores. Rousseau (1712-1778) por sua vez, pensa a cidadania como uma relação mais adequada entre os homens, de forma a resguardar os direitos e deveres de todos. Kant fala no cidadão e no súdito, que estes devem seguir os procedimentos e convenções sociais, mas que na qualidade de seres pensantes, devem fazer uso da própria razão.

Contemporaneamente, em uma espécie de resposta-síntese às crises decorrentes do sistema capitalista que geraram duas guerras mundiais, o holocausto e tantas outras crises humanitárias, a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948) conceitualiza a cidadania como uma condição inerente à pessoa humana que pressupõe direitos e deveres. Além disso, todos os sujeitos, sem discriminação de raça, credo ou cor, são considerados iguais em direitos e deveres, diante da Lei, com posse e autoridade sobre seus corpos e suas vidas (MANZINI COVRE, 2007).

---

<sup>13</sup> Projeto-Político Pedagógico: é um documento elaborado de forma coletiva pela escola que contempla toda a comunidade em seu entorno (direção, famílias, professores, equipe escolar e alunos), com o objetivo de diagnosticar as necessidades da instituição escolar e direcionar suas ações na intenção de melhorar, analisar e compreender o significado e o processo de construção coletiva do projeto pedagógico. Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/projeto-politico-pedagogico-uma-construcao-coletiva.htm>. Acesso em 10 de jan. 2022.



O conceito de cidadania, conforme Manzini Covre (2007), pode ser organizado sistematicamente em três pontos: 1 – direitos civis, tratam do direito de propriedade do próprio corpo, direito de ir e vir, direito à liberdade de expressão e direito à segurança; 2 – direitos sociais, dizem respeito às necessidades básicas para sobrevivência de todo ser humano como, alimentação, saúde, educação de qualidade, moradia digna e atividade remunerada de qualidade que propicie ao sujeito e seus dependentes condições de viver de forma digna; 3 – direitos políticos, tratam do direito à livre expressão do pensamento, bem como de suas práticas políticas e religiosas, de forma a promover a convivência dos sujeitos em organizações.

Durante nossas entrevistas com as gestoras sobre sua compreensão a respeito da educação sexual, não foi possível identificar nas suas falas a expressão *cidadania*. É como se esta ideia não fizesse parte da formação inerente das mesmas, nem tivesse relação com a sexualidade. É como se essas ideias não fizessem parte da constituição do pensamento pedagógico, por isso mesmo estivessem ausentes do campo de possibilidades de se fazer as relações. Em um dos trechos, diz uma das gestoras: “[...] eu já fiz muitas experiências que melhorou o comportamento de muitas crianças, e elas ficaram mais livres pra pensar nesse assunto depois de uma aula [...]” (g1).

Observamos como a visão da gestão está restrita à questão do comportamento e ainda assim em uma perspectiva valorativa: um comportamento que melhora em função de uma experiência educativa, quando o que precisamos é pensar a questão em termos de cidadania. Ainda nessa passagem da entrevista, a mesma traz a questão da liberdade, que poderia ser uma via para discussão sobre a cidadania. Quando provocada pela entrevistadora sobre que liberdade seria está, a mesma responde: “*pra pensar melhor, pra saber qual é a doença que ele tem que tomar a vacina, a doença que ele deve se proteger... é... como é que ele deve se comportar diante da família etc*”.

Fica evidente a dificuldade de pensar nas atividades pedagógicas citadas como algo que possa contribuir para o desenvolvimento pleno dos alunos como cidadãos e cidadãs conscientes. Mesmo ao trazer a questão da saúde, carece um pensamento numa perspectiva de cidadania, por exemplo: importância do serviço de saúde pública no combate, na prevenção e orientação à ISTs; saúde pública como direito etc. Percebemos uma preocupação muito mais comportamental diante das famílias e da agenda conservadora.

A fala da gestora 2 apresenta outros aspectos importantes que distanciam o debate do lugar da cidadania, que são os movimentos conservadores que impõe vigilância no que é abordado na escola:

*[...] [pais conservadores] acreditam que quando a escola aborda esse tema as crianças vão estar [sic] mais vulneráveis. Né? Acredita que a escola tá ensinando o menino a praticar o sexo mais cedo, a ficar grávida mais cedo... é... também a questão da homossexualidade. Né? ... que os pais dizem que a criança pode sim, ser incentivada... a palavra é essa. Então os professores ficam temerosos de estarem realmente entrando nessa questão (g2).*

Essas questões da gestora trazem um importante elemento de elisão do debate sobre a cidadania, que é o clima de obscurantismo político e educacional que vivemos. Se em outros contextos políticos já havia dificuldades para abordagem de questões voltadas ao sexo e à sexualidade dentro das salas de aulas, mesmo sendo a sexualidade inerente à constituição do ser humano, nos dias atuais, ficou mais difícil fazer essa abordagem em função da ascensão da extrema direita ao poder.

A fala da gestora expressa um clima político que faz crescer a cada dia o ambiente de intolerância e hostilidade que à educação se impõe. A escola e os educadores são objeto de denúncias que confundem a opinião pública com informações infundadas sobre os materiais pedagógicos, a exemplo do famoso *kit gay*<sup>14</sup>. Sabemos que politicamente há uma movimentação no sentido de estimular a população contra a inserção da educação sexual na escola pois essa é uma via de problematizar preconceitos, a questão de gênero, a quebra de *tabus*, enfim, tudo ao que a agenda conservadora reage.

Considerando cidadania como um importante correlato da gestão democrática da educação é fundamental admitir como verdadeiro que o direito e o acesso ao processo educativo criam possibilidades de tomada de consciência cidadã. A escola ocupa um espaço de construção, de conscientização dentro da sociedade sendo então um agente de produção, voltada a transformação social do indivíduo através da formação educacional, fazendo com que este possa desenvolver sua criticidade, tornando-se um cidadão participativo nas decisões tomadas na sociedade.

Heloisa Lück (2009, p.20) nos fala que o ambiente escolar “[...] é considerado de vital importância para o desenvolvimento de aprendizagens significativas que possibilitem aos alunos conhecerem o mundo e conhecerem-se no mundo, como condição para o desenvolvimento de sua capacidade de atuação cidadã”. Desta forma, não pode a gestão escolar virar as costas para os problemas que a escola e a comunidade, a qual está inserida

---

14 *Kit gay*: é um termo usado de forma pejorativa por alguns setores conservadores da sociedade e pelo Congresso Nacional para atacar o projeto **Escola sem Homofobia**, desenvolvido através do programa lançado pelo Governo Federal, Brasil **sem Homofobia** no ano de 2004. Para mais informações <https://novaescola.org.br/conteudo/84/conheca-o-kit-gay-vetado-pelo-governo-federal-em-2011> . Acesso em 10 de janeiro de 2022.

enfrenta quando se trata de assuntos voltados à sexualidade, tendo em vista que este não é algo específico da comunidade, mas, é um dilema enfrentado por toda sociedade.

Nessa linha de reflexão, Gadotti (2014, p.09) fala que “a verdadeira democracia deve facilitar a seus cidadãos a informação necessária para a defesa de seus direitos e a participação na conquista de novos direitos”. Sendo assim, a educação pública deve ter uma perspectiva transformadora para a construção de uma sociedade que proporcione uma vida mais justa e igual para todos e todas. E na busca por essa igualdade é preciso que a gestão escolar como representante da escola e como sujeito da sociedade, possa então ser ela mobilizadora e estimuladora de projetos que permeiam a educação sexual, bem como todos os assuntos relacionados à temática, objetivando a construção do conhecimento e da aprendizagem para cidadania.

Entendendo que a escola possui papel importante para o desenvolvimento pleno da cidadania, que sua função vai além de transmitir e acumular conhecimentos, fica o questionamento: porque as gestoras entrevistadas nesta pesquisa não relacionaram a temática educação sexual com cidadania? Seria então a cidadania e educação sexual elementos que não se relacionam para a formação dos sujeitos? A resposta obviamente é negativa. Neste caso, cabe reivindicarmos a construção de um projeto de formação de gestores escolares que tenha a questão da educação sexual em sua agenda como um lugar concreto e histórico de se pensar a relação entre educação e cidadania.

A gestão escolar não pode se deixar ser vista apenas como um setor ou um conjunto de pessoas voltadas as questões burocráticas da escola, é preciso entender que possui o papel de promover a democracia para conceber cidadãos conscientes e críticos. Nesse sentido,

a gestão escolar, como área de atuação, constitui-se, pois, em um meio para a realização das finalidades, princípios, diretrizes e objetivos educacionais orientadores da promoção de ações educacionais com qualidade social, isto é, atendendo bem a toda a população, respeitando e considerando as diferenças de todos os seus alunos, promovendo o acesso e a construção do conhecimento a partir de práticas educacionais participativas, que fornecem condições para que o educando possa enfrentar criticamente os desafios de se tornar um cidadão atuante e transformador da realidade sociocultural e econômica vigente, e de dar continuidade permanente aos seus estudos. (LÜCK, 2009, p. 23).

Sabemos que a escola tem como um de seus princípios promover ações educacionais com qualidade social. Tendo em vista que o bairro, onde essas escolas estão inseridas, contam com grupos culturais, tais como, grupo de capoeira, escolas de samba, quadrilhas juninas,

também conta com as atividades da Casa Pequeno Davi<sup>15</sup> e Escola Piollin ou Centro cultural Piollin<sup>16</sup>, percebemos que o bairro do Roger é um ambiente que tem potencialidades culturais para o desenvolvimento de práticas pedagógicas que articulem educação sexual e cidadania nas escolas.

Se essa pesquisa tiver algum alcance na transformação da realidade dessas escolas, tomamos a liberdade de sugerir à gestão dessas escolas em abrir as portas a essas iniciativas populares a fim de elaborar parcerias com esses grupos, com o objetivo de levar esses trabalhos culturais para dentro das escolas. O propósito desse tipo de articulação é desenvolver criticamente e coletivamente atividades sobre os assuntos que orbitam a temática educação sexual.

### 3.3 A ESCOLA COMO LUGAR DE EDUCAÇÃO SEXUAL E AS/OS GESTORA/ES COMO SEUS AGENTES

A escola é o ambiente de diversas discussões que corroboram para o desenvolvimento dos sujeitos que fazem parte da sociedade. Esses diálogos devem abordar os diversos temas tais como a sexualidade, que traz muitas dúvidas e preconceitos, que são históricos, estão na formação dos valores ocidentais e cristãos. Como se essas raízes culturais já não fossem suficientes para a manutenção do tabu, convivemos com grupos políticos conservadores que fazem questão de tensionar o debate, fortalecendo os preconceitos e espalham desinformação nos meios de comunicação<sup>17</sup>. Não obstante,

a escola é uma organização social constituída pela sociedade para cultivar e transmitir valores sociais elevados e contribuir para a formação de seus alunos, mediante experiências de aprendizagem e ambiente educacional condizentes com os fundamentos, princípios e objetivos da educação. (LÜCK, 2009, p. 20).

Para que a escola possa dialogar com os diversos temas que abrangem toda sociedade e em específico sobre a educação sexual, é preciso que seus docentes tenham formação no que

---

15 Casa Pequeno Davi: localizada no bairro do Roger. É um espaço destinado a contribuição e efetivação dos direitos humanos, em especial de crianças em situação de vulnerabilidade. Para mais informações acesse <https://www.pequenodavi.org.br/>.

16 Escola Piollin ou Centro Cultural Piollin: Está localizado no bairro do Roger. É uma ONG não governamental que desenvolve atividades com crianças e adolescentes carentes da cidade de João Pessoa-PB. Para mais informações acesse: <http://jpcultura.joaopessoa.pb.gov.br/espaco/80/>.

17 O link a seguir exemplifica como esses grupos tratam a questão e usam os meios de comunicação, destacadamente a internet: <https://www.youtube.com/watch?v=1V0QxyDkz5M&t=80s> acesso em 23 de novembro de 2021.

diz respeito aos assuntos abordados dentro da temática Orientação Sexual. Ao ser questionada sobre a abordagem docente acerca da temática no espaço escolar, uma das gestoras afirma:

*[...] é de extrema importância, eu compreendo que é de extrema importância, é... até mesmo porque eu estou na direção. Né? Mas eu sou professora da disciplina ciência da natureza, então a minha disciplina, é que aborda melhor esse tema, geralmente a gente faz é... palestras porque os pais, eles podem dar uma educação sexual pra os filhos, mas a escola, ela explica melhor a parte científica do, da coisa. Né? É melhor explicada pelo professor e pela ciência (g1).*

Embora a gestora, que se identifica como professora de ciências da natureza, apresente a compreensão sobre a importância de uma abordagem científica sobre a questão, nos chama atenção para sua restrição biológica. Ora, abordar educação sexual em uma perspectiva científica, no que diz respeito ao método, à formulação de um problema, a uma abordagem teórica etc, é uma coisa; outra, é restringir o fenômeno da sexualidade humana a uma perspectiva biológica. Ainda cabe ressaltar que a necessidade de uma abordagem não disciplinar é mais que uma necessidade científica, é um imperativo pedagógico, conforme os PCNs.

A segunda gestora entrevistada entende que a educação sexual, sua relação com a docência e a escola é importante. Em suas palavras:

*[...] ela vem complementar a questão da educação integral do aluno. Num é? E deveria ser abordada sim, pelos professores. Infelizmente ainda não está acontecendo. Né? Mas já deveria sim, e pra mim é importante demais que esta situação se resolva porque os alunos precisam dessa formação. Né? No entanto, a gente tem aí os pais. Né? ... que muitos não aceitam, é... alguns professores, a gente conversa isso nos planejamentos e os professores cada vez mais temem essa temática. Né? Por conta dos pais, é isso (g2).*

Este trecho da conversa nos traz mais alguns elementos para a análise. Destacamos inicialmente a recorrência da expressão “né”, como um recurso utilizado pela gestora em alguns momentos como busca de aprovação durante a entrevista ou como quem expressa alguma dúvida em relação às coisas que diz. Nossa interlocutora diz que a temática é importante, que deveria ser abordada pelos docentes, mas ainda não está. Cada afirmação desta é sucedida pela pergunta, “não é?”. Logo após a menção aos pais dos alunos a expressão é a mesma “né”, todavia o contexto comunicativo parece se modificar. Não é mais incerteza ou um pedido desesperado de cumplicidade. A expressão “né” deixa de abrigar uma pergunta e sutilmente cede lugar a algo do tipo “acredito que você já sabe algo sobre uma onda conservadora que tem asfixiado muitos educadores”.

Para o bem da cientificidade da análise, ressaltamos que isto não se trata apenas de uma inferência nossa ao longo das análises. A gestora mesmo confirma logo em seguida que muitos professores “*temem essa temática*” e para não deixar dúvidas, fecha seu argumento com um inequívoco “*é isso*”.

No contexto da escola pública, a gestão escolar precisa criar um ambiente em que os educadores desenvolvam atividades que girem entorno dessa temática de forma consciente, a fim de levar esclarecimento de forma segura aos discentes e também aos seus responsáveis. Todavia, esta tem sido uma questão desafiante diante da conjuntura política que escola vivencia, os educadores e os gestores. Sabemos a quão legítima é a abordagem da educação sexual e as temáticas que a ela estão articuladas, como gênero, sexualidade e violência sexual. As gestoras, de modo geral, apresentam uma compreensão de que essas atividades podem e devem ser desenvolvidas pedagogicamente por meio de seminários, trabalhos em grupo e exposição, devendo de forma científica, e não ficando a cargo apenas das disciplinas de ciências da natureza e biologia. Os entraves que parecem mais evidentes no momento, são os de natureza ideopolítica.

As gestoras apontam para o fato de que os docentes não estão se sentindo seguros para abordar as questões no ambiente escolar. Um dos pilares da escola é o professor e esse deve se perceber como agente de construção do conhecimento, que influencia de forma direta na formação dos educandos, na vida e para a vida de cada um deles. Nesse sentido Freire (2019, p. 100) fala:

não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê.

Concordando com Freire, não pode o professor se negar a discutir assuntos importantes e relevantes para formação dos discentes. Diante disto, cabe questionar o papel da gestão escolar, sobretudo sob a vigência o art. 206 da Constituição Federal de 1988 que define a gestão democrática como princípio do ensino. Logo em uma perspectiva democrática, o papel da escola implica a criação de condição para desenvolver melhores formas de abordar os assuntos de interesse social, dentre eles a questão da sexualidade. Desse modo, a educação sexual, amparada pela gestão democrática da educação se torna igualmente uma questão política, visto que traz dentro do ambiente escolar o direito a construir conhecimento sobre si mesmo. Isto, em última análise, é formar sujeitos para vida.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo geral analisar como a gestão escolar compreende a presença da educação sexual na escola pública. Como objetivos específicos, buscou-se: refletir sobre a categoria sexualidade como objeto de controle das práticas religiosas, médicas, políticas e educativas; discutir sobre o papel da gestão escolar como instância corresponsável pela promoção da educação sexual na escola pública; abordar o problema da educação sexual sobre a perspectiva da Educação Popular e da cidadania.

Retomando aqui o objeto da pesquisa, que consistiu em analisar no contexto de um bairro popular como a gestão escolar da escola pública compreende a educação sexual, sendo esta parte inerente para a formação do indivíduo, foram realizados estudos nos escritos dos autores/as aqui referenciados ao longo do texto. Também foi realizada uma busca no repositório da Universidade Federal da Paraíba, com o recorte Educação Sexual. Após realizarmos as leituras e estudarmos todo o material coletado, foram realizadas as entrevistas semi-estruturadas com as gestoras de duas escolas públicas localizadas no bairro do Roger.

Ao longo da pesquisa, desde a elaboração deste trabalho, delimitação do objeto, formulação do problema, escrita, ida a campo e realização das entrevistas, perseguimos objetivos específicos, que consistiram em analisar como a gestão escolar compreende a presença da educação sexual na escola pública; refletir sobre a categoria sexualidade como objeto de controle das práticas religiosas, médicas e educativas; discutir sobre o papel da gestão escolar como instância corresponsável pela promoção da educação sexual na escola pública; abordar o problema da sexualidade sobre a perspectiva da Educação Popular.

Ao fim da pesquisa, enxergo que os objetivos foram alcançados, na medida do possível e dentro das limitações de realizar o trabalho no contexto pandêmico. Precisamos entrar em contato com as gestoras por telefone, agendar entrevistas por chamada de vídeo e também presencialmente, dada a disponibilidade de uma das gestoras apenas nessas condições.

Foi possível nos aproximarmos do modo como as gestoras entrevistas compreendem a educação sexual no espaço escola. As conversas evidenciam muito bem a relação entre a educação sexual e o campo biológico, à saúde, à prevenção e ao comportamento diante da sociedade e da família. Há também o reconhecimento da importância da temática, ressaltada a dificuldade em abordá-la devido as pressões políticas dos últimos tempos e as falsas informações levadas a sociedade como um todo, além da falta de preparo dos docentes em abordar assuntos sobre sexo e/ou sexualidade. Enxergou-se também, que apesar de colocarem a temática

como sendo algo imprescindível, ambas não conseguem compreender as correlações que já estão postas entre educação sexual, cidadania e gestão democrática.

A escola é uma das instituições responsáveis por grande parte da socialização entre crianças e adolescentes. Por esse motivo é importante que a escola aborde os assuntos voltados a educação sexual, uma vez que a escola é responsável por levar conhecimento e esclarecer as dúvidas de forma correta. Através desse conhecimento crianças e adolescentes podem aprender sobre os seus direitos, sobre seus corpos, entendendo que ninguém pode violá-los.

Para que a escola possa abordar a temática educação sexual e os assuntos que a permeiam, é preciso que aconteça uma formação para gestores, professores, bem como todo corpo pedagógico, para que possam desenvolver trabalhos pedagógicos sobre sexo e sexualidade, principalmente sobre os assuntos que estão em evidências entre os discentes, fim de esclarecê-los.

Para trabalhar educação sexual nas escolas é necessário desenvolver metodologias específicas para educação infantil, para o ensino fundamental, para o ensino médio, para a EJA, mas além de tudo, em uma perspectiva da educação popular. Ou seja, trata-se de reconhecer a politicidade da questão, isto é, que a educação sexual tem uma dimensão política e cidadã. Além de desenvolver um trabalho em parceria com os governos estaduais e municipais, bem como e não menos importante com a sociedade, fazendo com que esta possa entender que abordar assuntos sobre sexo e sexualidade é importante, e tem o objetivo de levar conhecimentos, além de evitar traumas que podem ser levados para toda vida.

Faz-se entender também que família e escola possam trabalhar de forma conjunta, entendendo que a família deve olhar para seu filho, buscando entender seus anseios e conflitos. A escola deve se voltar para o todo, buscando abordar os assuntos que a sociedade levanta, a fim de esclarecer suas dúvidas, sempre no sentido de mostrar que está presente para ajudar a diminuir os conflitos dos sujeitos que fazem parte da comunidade a qual a escola está inserida, bem como de toda sociedade.

Entendemos que a temática educação sexual é um assunto mais amplo, que não deve ficar apenas no entendimento dos/as gestores/as das escolas. É um objeto de discussão de todos que fazem parte do corpo pedagógico. Devemos buscar analisar e compreender como docentes e discentes entendem a relevância dessa temática dentro da escola e quais são as suas contribuições para formação humana. Nesse sentido, devemos analisar o porquê grupos dominantes da sociedade buscam de todas as formas reprimir a abordagem em torno da



sexualidade dentro e fora dos espaços escolares. Por que não preparar melhor os nossos educadores sobre um tema tão importante para a formação?

Durante esta pesquisa, foi possível entender que ainda há muito o que discutir sobre o papel do gestor escolar no contexto da escola pública nas periferias das capitais. Como se dá sua atuação dentro da escola e a sua importância no cotidiano dos agentes que fazem parte da comunidade a qual a escola está inserida. Que há muito o que se defender no tocante à educação sexual e os assuntos que a permeiam.

Esta pesquisa contribuiu de forma positiva para minha formação ao ponto de que respondeu aos meus questionamentos, fazendo com que pudesse compreender mais sobre os assuntos aqui levantados, bem como sobre o porquê que ainda há *tabus* no ambiente escolar e na sociedade no tocante aos assuntos que são referentes ao sexo e à sexualidade. Mostrando-me também como ser uma profissional com pensamento libertador capaz de despertar o pensamento crítico de outros sujeitos, referente a esses e demais assuntos que fazem parte da constituição do ser.

Pensando como gestora escolar, acredito ser importante criar o documento que rege os deveres e obrigação da escola elencando os assuntos que permeiam a educação sexual, tais como gênero, sexualidade, violência contra mulher, entre outros, de forma conjunta com toda a comunidade escolar. Ao mesmo tempo, penso ser importante saber passar as informações sobre os assuntos que serão abordados aos pais e responsáveis dos alunos. E para que isso aconteça seria necessária uma roda de conversas para apresentação do Projeto Político Pedagógico de forma a explicar cada ponto, para que servem, seus objetivos e benefícios.

Essa pesquisa não deve parar por aqui, pois se trata de um estudo importante para a formação de novos discentes e pesquisadores, por ser a educação um encandeamento de ideias que abre nossas mentes, libertando-nos das amarras impostas pela sociedade, fazendo com que passemos a tomar nossas próprias escolhas de forma consciente. Este trabalho de pesquisa intitulado *Educação Sexual como desafio a Gestão Escolar: uma abordagem sob a perspectiva da educação popular* buscou entender a compreensão do gestor escolar. Desta forma deixa em aberto para próximas pesquisas a visão dos professores da escola pública referente a este mesmo assunto bem como dos discentes que fazem parte destas instituições.

Porém, para que pesquisas que discutam assuntos como sexo, sexualidade, gênero, respeito do corpo e afins é preciso que se tenha uma política voltada a essas discussões no espaço acadêmico voltado a formação de docentes, no caso, no curso de Pedagogia, onde o currículo deva estar atualizado para atender a esta e a outras questões que fazem parte da formação do profissional da educação.

No mais, está claro que diante das atuais circunstâncias impostas por um governo intolerante que nega tudo o que seja libertador, é preciso redobrarmos nossos esforços como sociedade – educadores, estudantes, militantes, trabalhadores etc – na resistência, no diálogo e no combate à desinformação, para que sejamos capazes de transformar, quantas vezes necessário for a história.

## REFERENCIAS

- ALTMANN, Helena e MARTINS, Carlos José. **Educação Sexual: ética, liberdade e autonomia**. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/er/n35/n35a06>. Acesso em: 15 de jan. de 2020.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRASIL. 2017. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/pcn/orientacao.pdf> acesso em: 05 de Jan.2022
- BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: terceiro e quarto ciclos de ensino fundamental. Secretaria de Educação Fundamental, Brasília, DF, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em: 26 de fev. de 2020.
- BRASIL, **Parâmetros curriculares nacionais**: Pluralidade cultural e orientação sexual. Temas transversais. (1997). (3a ed., Vol. 10). Brasília: MEC/SEF Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro01.pdf> Acesso em: 07 de Jul. de 2020.
- \_\_\_\_\_. **Orientação sexual**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro102.pdf>. Acesso em 15 de dez. 19.
- CHIANCA, Luciana, OLIVEIRA, Machado e SOUZA, Maysa Carvalho de. **Vozes do Roger**: um cotidiano de festas e de fé. João Pessoa. Editora UFPB, 2019.
- DURKHEIM, Émile. **Natureza e método da pedagogia**. In: \_\_\_\_\_. Educação e Sociologia. 10. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1975. Cap. 2. p. 57-58.
- FONTELLA, Caren Rejane de Freitas e MACHADO, Maria Elisabete. **A Trajetória da educação popular (ep) e da educação de jovens e adultos (eja) no BRASIL**. Disponível em: [https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/fontella\\_machado.pdf](https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/fontella_machado.pdf) Acesso em 01 de dez. de 2020.
- FRASER, Márcia Tourinho Dantas e GONDIM, Sônia Maria Guedes. **Da fala do outro ao texto negociado**: Discussões sobre a entrevista na pesquisa qualitativa. Paidéia, 2004, 14 (28), 139 -152 Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/paideia/v14n28/04.pdf> Acesso em: 26 de abril de 2020.
- FREIRE, P. **Educação como Prática da liberdade**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1967.
- \_\_\_\_\_. P. **Pedagogia do oprimido**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 17ª ed, 1987.
- \_\_\_\_\_. P. **Pedagogia da Autonomia**. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Política e Educação**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997.
- FOLHA São Paulo. **Violência sexual contra crianças e adolescentes**. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2019/09/42-das-criancas-e-adolescentes-quesofrem-abuso-sexual-sao-vitimas-recorrentes.shtml>. Acesso em 26 de fev. de 2020.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**, a vontade de saber. Edições Graal. Rio de Janeiro, 1988. Disponível em [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod\\_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/2940534/mod_resource/content/1/Hist%C3%B3ria-da-Sexualidade-1-A-Vontade-de-Saber.pdf). Acesso em 15 de dez. 2019.

FURLANETTO, Milene Fontana; LAUERMAN, Franciele; COSTA, Cristófer Batista da; MARIN, Angela Helena. **Educação sexual em escolas brasileiras**: revisão sistemática da literatura. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/v48n168/19805314-cp-48-168-550.pdf>. Acesso em 15 de jan. de 2020.

GADOTTI, Moacir, **Gestão democrática com participação popular**. no planejamento e na Organização da Educação Nacional Disponível em: <https://www.jaciara.mt.gov.br/arquivos/anexos/05062013105125.pdf> Acesso em 01 de dez. de 2020

HENRIQUES, Vera Maria. **Campo educacional**: identidade científica e interdisciplinaridade. Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC/Rio) bras. Est. pedag., Brasília, v.74, n.178, p.655-680, set./dez. 1993. Disponível em <http://rbep.inep.gov.br/ojs3/index.php/rbep/article/view/1167> Acesso em 21 de Set. de 2020.

LIMA, Antonio Bosco de; PRADO, Jeovandir Campos do; SHIMAMOTO, Simone Vieira de Melo. **Gestão democrática, gestão gerencial e gestão compartilhada - novos nomes velhos rumos**. Biblioteca Anpae – Série Cadernos: n. 11 – 2011 – ISSN 1677-3862. São Paulo, 2011. Disponível em: <https://anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompleto/comunicacoesRelatos/0069.pdf> Acesso em: 02 dez. de 2020.

LÜCK, Heloisa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. Revista Educação & Realidade, n. 2, p.101-131, jul./dez., 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71722> Acesso em 09 de julho de 2020

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. Primeira aproximação de cidadania e Origem da cidadania, ascensão da burguesia e cultura burguesa. In: \_\_. O que é cidadania. São Paulo, Brasiliense, 2007. p. 7-35. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3896971/mod\\_resource/content/1/L.aula2\\_grupo5\\_O\\_que\\_e\\_cidadania.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3896971/mod_resource/content/1/L.aula2_grupo5_O_que_e_cidadania.pdf). Acesso 25 de fev. de 2021.

MELO, Andréa Silene Alves Ferreira. **Oficinas sobre sexualidade e gênero como proposta de formação continuada para profissionais da educação**. Estudos IAT, Salvador, v.1, n.1, p. 98-108, jun. 2010. Disponível em: <http://www.cadernosdapedagogia.ufscar.br/index.php/cp/article/viewFile/749/276>. Acesso em 25 de fev. de 2020.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 5. ed. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1998.

MORAIS, Lenilson Santos de. **Gênero e sexualidade na percepção de professores/as de escolas do campo**. João Pessoa, 2019. Disponível em <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/15108>. Acesso em 26 de abril de 2020.

VASCONCELOS, Eymard Mourão e CRUZ, Pedro José Santos Carneiro. **Educação popular na formação universitária: reflexões com base em uma experiência.** São Paulo: Hucitec; João Pessoa: Editora Universitária da UFPB; 2011. Disponível em: <https://antigo.saude.gov.br/images/pdf/2016/novembro/10/educacao-popular-formacao-universitaria.pdf> acesso em: 06 de set. 2021

VIEIRA, Priscila Mugnai e MATSUKURA, Thelma Simões. **Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v22n69/1413-2478-rbedu-2269-0453.pdf>. Acesso em 15 de jan. de 2020.

PEREIRA, Gilson R. de M. e ANDRADE, Maria da Conceição Lima de. **A Construção da administração na RBAE (1983-1996).** Campinas-SP: Revisão & Síntese • Educ. Soc. 26 (93) • dez 2005. pág. 140. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/x74YhBd9KTrq3VMQfpx76CK/?lang=pt> acesso em: 23 de agosto de 2021.

PIANA, Maria Cristina. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p.233. Disponível em <http://books.scielo.org/id/vwc8g/pdf/piana-978857983038906.pdf> Acesso em 26 de abril de 2020.

SCOCUGLIA, Afonso Celso; NETO, Jose Francisco de Melo. **EDUCAÇÃO POPULAR OUTROS CAMINHOS.** Editora Universitária UFPB. 1999.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. apud. ALVES, Natalia Cristina. p.04, 2013 **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo.** 5 ed. 18 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. p.175.

PIVESSO, Leticia Pasquini; SOARES, Máisa Stefani; BARBOSA, Aldovano Dantas. **A Educação popular e a formação de professores: a reestruturação da afetividade a partir da construção coletiva.** Disponível em: <https://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/-planejamentoeanalisedepoliticaspUBLICAS/iisippedes2016/artigo-completo-3.pdf> Acesso em: 09 de dez. de 2020.

## APÊNDICE

### TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A GESTORA 1

**Entrevistadora:** a minha primeira pergunta, seria como você, né éh::... quanto gestora, compreende a presença da educação sexual dentro da escola né, essa temática ser trabalhada dentro da escola?

**Entrevistada:** é de extrema importância, eu compreendo que é de extrema importância, éh::... até mesmo porque eu estou na direção né, mas eu sou professora da disciplina ciência da natureza, então a minha disciplina, é que aborda melhor esse tema, geralmente a gente faz éh::... palestras porque os pais, eles podem dar uma educação sexual pra os filhos, mais a escola, ela explica melhor a parte científica do, da coisa né, é melhor explicada pelo professor e pela ciência.

**Entrevistadora:** e você quanto... você, como que VOCÊ compreende essa temática ser trabalhada dentro da escola?

**Entrevistada:** eu compreendo que muito boa, e que eu já fiz muitas experiencias que melhorou o comportamento de muitas crianças, e elas ficaram mais livres pra pensar nesse assunto depois de uma aula, dependendo do, da abordagem que a gente faz é claro, pra menino adolescente é uma coisa, pra jovem e adulto, a gente tem a EJA que é outra abordagem e para o infantil outro tipo de abordagem, então dependendo daí, dessa educação é sexual na, educação sexual na escola ne, o aluno vai abrir uma legue na mente dele e vai melhor muita coisa na sua vida. Pra mim também é muito gratificante dar essa aula porque eu amo a educação e eu gosto muito de dar essa aula pra eles.

**Entrevistadora:** certo, quando você fala que os alunos ficam, ficam mais livres, eles ficam mais livres em que sentido?

**Entrevistada:** pra pensar melhor, pra saber qual é a doença que ele tem que tomar a vacina, a doença que ele deve se proteger éh::... como é que ele deve se comportar diante da família, etc.

**Entrevistadora:** certo. Com relação aos PCNs você já viu como que essa temática aparece lá?

**Entrevistada:** eu vi, sim. Essa temática aparece de uma forma discreta num é, bem discreta para o ensino infantil, ela aparece de uma forma mais abrangente pra os alunos do fundamental II, pra os alunos de 5° ao 9° ano.

**Entrevistadora:** e o que é, que você acha em relação, éh::... com forma como ela está lá, você concorda com isso, da forma como está?

**Entrevistada:** concordo, concordo éh;;... quando vão fazer os PCNs, os PCNs, eles fazem com que ( ) e são vários profissionais da educação que estão ali envolvidos, eles não vão colocar qualquer coisa pra se fazer.

**Entrevistadora:** do seu ponto de vista as, como as escolas poderiam contemplar a educação sexual nos seus percursos formativos?

**Entrevistada:** não entendi a pergunta.

**Entrevistadora:** do seu ponto de vista como que as escolas poderiam contemplar a educação sexual durante seu percurso formativo, durante o percurso formativo da criança, do adolescente né, já que a escola também trabalha com pré adolescentes, desenvolve atividades com pré adolescente, além de crianças e também com adultos né, na questão da EJA. Então, como que a escola poderia contemplar mais essa temática, durante esse percurso de formação do aluno?

**Entrevistada:** você quer saber assim, tipo palestras é?

**Entrevistadora:** isso.

**Entrevistada:** filmes, palestras, com fantoches, com historinhas que a gente faz aqui, com revistas, com bonequinhos, tipo e::... bonequinhos de pano que a gente tem aqui na escola gravadas, ( ) é mostrando pai, mostrando mãe, é fazendo a diferença entre um e outro, qual a importância sobre a educação sexual, sobre também, a gente também dá muita palestra, chama aqui o conselho tutelar, e sobre gravidez na adolescência, muitos temas a gente aborda aqui, sobre violência sexual. Agora mesmo a gente tá abordando esse mês todo, que é sobre o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), a gente agora tá trabalhando on-line na escola sobre esse tema.

**Entrevistadora:** certo. E com relação aos demais temas relacionados a sexualidades como que a escola poderia trabalhar, esses outros temas?

**Entrevistada:** os outros temas...aí a gente/quais os outros temas assim, que você está falando sobre? E:: ...jovens e adultos por exemplo, eles são mais maduro, entendeu?! tem mais maturidade, então a gente chama a FUNAD, chama profissionais da área de saúde e eles vem dá palestras sobre DST, sobre drogas, sobre sexologia. Então esse outro tema a gente abrange também, sendo dessa maneira, com palestras, com filmes, com aulas, apresentações eh:: ...figuras, revistas e também com debates, á noite aqui quando termina a palestra os alunos fazem perguntas, perguntas para o palestrante.

**Entrevistadora:** eh::...durante o teu percurso formativo dentro da escola, quanto professora e como gestora eh::...voce gostaria de falar sobre alguma experiencia que você já teve sobre o tema que tenha ocorrido na escola ou sobre algo que foi abordado ou mencionado em nossa conversa?

**Entrevistada:** ah::... vários temas, a partir de palestras que foram dadas aqui na escola, sobre agressão, sobre::...é::...como, tipo assim é::... padrao que estava... eh::...como é ( ) fugiu a palavra agora da minha mente / assediando já / a partir de palestras ( ) a partir também de alunos que vem falar na sala de aula, ( ) escuta a professora falando, no outro dia ele vai na psicóloga, falar com a psicóloga no gabinete dela, e ele conta tudo. E a partir daí a gente já teve gente que foi preso, já conseguiu muita coisa, a partir daí. Como também, doenças sexualmente transmissíveis, como alunos que assiste as palestras e no outro dia, ele vem pra procurar a gente dizendo que tem vergonha de dizer pra família, diz que ele ta com sintomas de sífilis, dia a gente encaminha pra o profissional e ele faz todo o procedimento e graças a deus, a gente tem tido sucesso com esse tipo de palestra né. Só que ultimamente, o ano passado devido essa pandemia a gente parou geral. Não tenho nenhuma palestra, nem online, quando a gente vai fazer alguma palestra só seis pessoas eh::...participam, porque o restante não tem acesso à internet. E... essa pandemia parou muito a nossa atividade quanto educação sexual.

**Entrevistadora:** certo. Diante desse contexto eh::... você, como você falou no começo, e agora você firma mais ainda a importância de ser trabalhada a temática da educação sexual dentro da escola...né eh::...uma vez que ela traz a conscientização aos alunos né, de que, com relação aos abusos que eles podem estar sofrendo dentro de casa e com relação também as ISTs né.

**Entrevistada:** é, ok.

**Entrevistada:** mas também, a gente tem que ver essa abordagem como é que vai ser. Se o aluno, a primeira vez que um professor for falar isso pra ele, e falar de uma maneira errada, então ele... a vida inteira ele vai entender errada, então é por isso que tem que passar pela assistente social, a aula também tem que ser vista pela coordenação pedagógica pra saber se pode realmente colocar, porque também depende ( ) religião né. Tem gente, gente em casa, ( ) aluno que vai comentar e vem a carga toda pra escola, que a gente ensinou de uma maneira que não foi muito certa, já também, já aconteceu isso na escola.

**Entrevistadora:** aconteceu no caso de algum professor...

**Entrevistada:** de um professor ser muito debochado, e ele...quando ele explicou chocou, então foi preciso a prefeitura intervir e..., num era na minha gestão não, mas eu era professora daqui quando aconteceu esse caso.

**Entrevistadora:** no caso, o professor abordou a si / eh:: o assunto de uma forma...vamos dizer inadequada ou o aluno não, não gostou por ser de uma religião que não permite que se fale dessas coisas, vamos assim dizer, desses assuntos



**Entrevistada:** não, ele abordou de uma forma inadequada, ele foi muito, não soube fazer o contexto pra iniciar, pra começar, porque se... é tipo assim, se você contar uma notícia, - - morreu fulano, vai chocar, se você chega e olha ele está um pouco doente, está na UTI, daqui um pouquinho você chega pra ele e diz o seguinte, ele está mal veio a falecer, essa pessoa já fica mais tranquila - -, tem que ter cuidado como é que vai fazer né?!

**Entrevistadora:** entendi. Eh, você falou que assim, com relação a religião né, meio que de uma certa forma atrapalha com que a temática seja abordada dentro da sala de aula, mas em que contexto?

Entrevistada: é, não atrapalha. Porque religião não atrapalha, porque religião não atrapalha, a pessoa eh:: sabendo abordar, ( ) em abordar eu já sou professora há vinte e sete anos e não, nunca tive problema, sou evangélica, mas eu abordo esse tema numa seja qual for, qualquer um eu explico, e é um algo de cada um, mas tem gente que assim, não sabe explicar.

Entrevistadora: certo, então você acha que deveria ter para os professores uma formação para que eles pudessem aprender, vamos dizer assim novas técnicas pra que seja abordada essa temática na sala de aula?

Entrevistada: sim. É da mesma maneira que a gente tem formação pra abordar sobre o tabagismo, a gente tem formação, sobre maconha, sobre eh:: drogas, a gente também que ter uma formação pra sexualidade, pra...saber, não é qualquer pessoa que sabe falar.

Entrevistadora: Então, diante disso eh:: eh:: nos PCNs deveria aparecer eh:: deveria não, na verdade até aparece né que lá...

Entrevistada: aparece.

Entrevistadora: ... que o professor tem que ter uma formação pra poder abordar a temática da educação sexual dentro das salas de aula, só que na pratica a gente ver que não ta sendo bem assim.

Entrevistada: é, é verdade, você tem razão.

## TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA COM A GESTORA 2

**Entrevistadora:** como que a senhora, a sua pessoa pensa referente a temática educação sexual ser abordada dentro das escolas?

**Entrevistada:** é uma temática muito importante, porque ela vem complementar a questão da educação integral do aluno num é, e deveria ser abordada sim, pelos professores, infelizmente ainda não está acontecendo né, mas já deveria sim, e pra mim é importante

demais que esta situação se resolva porque os alunos precisam dessa formação né, no entanto, a gente tem aí os pais né, que muitos não aceitam, eh:: alguns professores, a gente conversa isso nos planejamentos e os professores cada vez mais temem essa temática né, por conta dos pais, é isso.

**Entrevistadora:** e como gestora pedagógica da escola, o que a senhora acha dessa temática ser abordada aqui dentro da escola, tendo em vista que a escola faz parte de uma comunidade carente que é o bairro do Roger?

**Entrevistada:** pois é, é como eu disse na resposta anterior, seria muito importante que a temática fosse abordada, que tivesse um projeto voltado pra isso, porque isto já está nos documentos oficiais num é, mas infelizmente é muito complicado os professores abordarem a temática né, por conta justamente dos pais, que não compreendem quando o professor toca no assunto dá, dá questão sexual.

**Entrevistadora:** e a senhora acha que assim, devido a que se dá essa dificuldade de entendimento dos pais, da maioria deles?

**Entrevistada:** porque acreditam que quando a escola aborda esse tema as crianças vão estar mais vulneráveis né, acredita que a escola tá ensinando o menino a praticar o sexo mais cedo, a ficar grávida mais cedo, eh:: também a questão da homossexualidade né, que os pais dizem que a criança pode sim, ser incentivada, a palavra é essa. Então os professores ficam temerosos de estarem realmente entrando nessa questão.

**Entrevistadora:** mais aí no caso eles pensam que os filhos podem estar sendo incentivados a que com relação a homossexualidade? A:: a serem homossexuais? ou terem relação homoafetivas?

**Entrevistada:** também, também né. Então os professores quando a gente tá nos planejamentos conversando sobre isso, os professores abordam muito, falam muito, relatam muito isso, experiencias que tiveram em sala de aula. E cada dia fica mais complicado essa situação.

**Entrevistadora:** eh:: a senhora falou ainda agora que, com relação aos... como está lá nos PCNs né, com relação a como está lá, a temática como ela vem apresentada nos PCNs, a senhora concorda da forma como ela está sendo apresentada lá? Como os PCNs vem trazendo essa temática?

**Entrevistada:** não só eu, mais os professores também né, todos estão cientes do que vem ali. Se insto não está acontecendo, alguma coisa precisa ser melhorada, dá forma como está nos PCNs, não está, não tá dando certo da forma como está ali. Agora se você me perguntar como seria? Não sei. Mas se os professores é, conhecem os PCNs e se recusam a::

trabalhar com a temática é porque alguma coisa tem lá no texto que precisaria ser melhorado né.

Entrevistadora: no caso o texto, ele vem trazendo muito com relação a saúde, a senhora acha que deveria ser mudado, não só com relação a saúde, mais com relação a vida mesmo, ah:: a formação do indivíduo, do aluno?

Entrevistada: sim. Com certeza né, com certeza. Porque precisaria trabalhar mais dentro da temática pra poder sei lá, explorar mais o assunto, porque a questão da saúde é trabalhada, mas não se falando...

Entrevistadora: ...do ser

Entrevistada: ...é. nas aulas de ciências, a gente ver isso, mais é uma coisa assim, em relação ao que, ao que você está trabalhando, em relação a sexualidade né isso, fica mais complicado.

Entrevistadora: eh:: do ponto de vista do senhora, como que as escolas poderiam contemplar a educação sexual nos seus percursos formativos?

Entrevistada: eu acho que tudo seria que ser uma conversa com os pais, eu acho, através dos projetos fazer os pais entenderem que a escola não é só a questão das disciplinas, uma coisa fora da realidade, mas ter um momento em que os pais entendam que os professores precisam ter um diálogo com esses alunos, que os alunos precisam conversar com os professores, de ter uma roda de conversa, uma coisa mais aberta pra aquilo que eles querem saber, porque o problema não são as crianças, o problema está nos pais né, o problema está na sociedade, vamos dizer assim né. Porque cada vez mais se fica temeroso em relação a abordar esse assunto na escola.

Entrevistadora: como abordar, trabalhar a partir dos pais essa temática né...

Entrevistada: acredito que sim.

Entrevistadora: ... então seria...

Entrevistada: e tem mais outro ponto, além de trabalhar com os pais, nós os professores precisamos estudar mais sobre a temática, a gente precisa conhecer mais né, ate para enfrentar tudo o que está posto aí né, essa resistência. A escola não tinha que cruzar os braços, a escola tinha que insistir e persistir né, pra que realmente acontecesse dentro da escola.

Entrevistadora: no caso esse trabalho deveria ser desenvolvido a partir da escola com conhecimento dos professores, uma formação mais direta dos professores...

Entrevistada: sim...

Entrevistadora: ...com relação a temática, a partir daí, ter uma iniciativa de conversa com os pais dos alunos, ou seja, só os pais né, informar pra eles como que a temática ela é aborda...

Entrevistada: ...como se daria o processo dentro da escola né, até para os pais ficarem mais confiantes.

Entrevistadora: para poder a partir daí, partir para a formação do alunado, das crianças né e dos jovens

Entrevistada: sim, sim. Escola, família, e aí sim, retornaria para os alunos. Porque quando você trabalha isso em sala de aula, isso chega em casa, e quando chega em casa, chega de uma forma diferente e o pai vem aqui tomar satisfação com os professores.

Entrevistadora: é feita reuniões anuais na escola a cada ano que vai se iniciar. Essa reunião a escola vai informar como que vai se dar o ano letivo, como vai ser desenvolvida as atividades. Em algum momento, - - a senhora já é gestora faz algum tem aqui da escola- -foi, tentou-se abordar essa temática, trazer essa temática no PPP aqui da escola?

Entrevistada: a educação sexual, sim. A professora de ciências inclusive, pediu a fala em uma das reuniões e tentou abordar o assunto né, mas houve uma resistência muito grande dos pais, entendeu?! Os pais que estavam naquela ocasião, um ou dois concordaram. Mas a maioria não.

Entrevistadora: diante do que a gente está conversando aqui referente a temática da educação sexual, a senhora gostaria de relatar alguma experiencia que tenha tido como gestora aqui da escola referente a temática, algo que tenha acontecido, a senhora já teve alguma experiencia com isso, como é que se deu?

Entrevistada: pode falar da EJA né?

Entrevistadora; sim.

Entrevistada: eu estava em sala de aula tentando, li alguma coisa, planejei minha aula pra abordar com os alunos adultos que são pais dos nossos alunos do diurno né, e na sala de aula estava o pai e o filho, porque era EJA. E o pai se levantou e disse que eu não deveria estar eh:... que a minha aula não deveria ser naquele sentido, que ele tinha vindo aqui pra outra coisa e não para ouvir falar de sexualidade / não, eu não vim aqui falar de sexo. E eu dizendo pra ele que não, não era questão de sexo, mas era uma orientação porque eu tinha na sala meninos de quinze anos né, de dezessete, crianças ainda, porque apesar da idade ainda são adolescentes e o planejamento estava pra se falar isso na aula, o planejamento da aula era pra isso né. E ele, acredite, ele levantou-se, pediu para não continuar, porque ele era um pai, e o menino dele estava ali, que ele estava com vergonha e depois eu perdi esses dois alunos. Nem veio mais o menino, nem veio mais o pai pra escola né. Aí eu fui chamada pela

diretora que me orientou não era mais para tratar daquele assunto e conversou com a supervisora, a época né, e foi decidido que não mais para não perder os alunos.

Entrevistadora: então desde dessa época eh:: a temática já não é mais abordada dentro da escola.

Entrevistada: veja só...

Entrevistadora: Só naquilo que é ligado a saúde

Entrevistada: a saúde, eh:: alguma coisa mais leve

Entrevistadora: no caso voltado disciplina de ciências...

Entrevistada: de ciência, só.

Entrevistadora: ...a parte que fala do corpo humano.

Entrevistada: só. E também nos temos aqui na escola uma parceria com o PSF né, e a enfermeira vem muito aqui, e ela aborda essa questão, mas não, ela aborda de uma forma mais para a questão da saúde, gravidez na adolescência né, o uso de preservativos, e ela até deixou preservativos aqui, e esses preservativos ficaram aí porque os próprios meninos não aceitaram e chegou em casa e falou pra mãe que a escola, que a enfermeira tinha deixado preservativos e a gente teve problema aqui com alguns pais.

Entrevistadora: então a gente pode dizer que novamente, pode tá volta lá no início onde os documentos oficiais que no caso são os PCNs, que é aquilo que nos respalda...

Entrevistada: e a LDB né, que é a Lei de Diretrizes e Bases

Entrevistada: ...e a Lei de Diretrizes e Bases que deveria mudar o seu texto com relação a temática né, dando mais abertura.

Entrevistada: éh é, e eu nem sei se isso acontecesse a escola estaria preparada, entendeu?! Tem que passar por uma formação sabe. Uma conscientização dos pais, uma formação da, dos professores, gestores, de toda equipe escolar num é, pra poder se abordar isso, porque não é fácil. Eu estou lhe dizendo enquanto professora, não é fácil abordar essa questão em sala de aula. Você, você tem muita resistência. Não dos alunos, mas dos pais quando essa ( ) chega em casa.

Entrevistadora: a gente mesmo com o passar do tempo, agente continua vendo que há esse pensamento, vamos dizer assim, arcaico com relação, que é algo que foi enraizado né, na sociedade desde o século XVI até agora né, onde se tem esse *tabu*, foi colocado esse tabu em relação a sexualidade...

Entrevistada: é um *tabu*, é verdade

Entrevistadora: ...onde não se pode falar sobre o assunto, onde não pode falar nada, explicar. Conscientizar. E hoje a gente pode dizer que estar pior né?! Naquela época, teve

uma época que falar sobre sexualidade, sobre a sexualidade do ser, do seu corpo era um pouco mais aberto. E a partir do sec. XVII pra cá, houve uma mudança...

Entrevistada: dos movimentos

Entrevistadora: ...dos movimentos e isso está sendo trazido até agora, e mesmo que a gente tente né

Entrevistada: se o professor já tinha um cuidado antes, agora por conta do movimento, ele vai te muito mais, entendeu?! Então, a gente vai pra onde agora? Então prefere-se o que, estagnar aquele assunto na sala de aula

Entrevistadora: abafar o assunto...

Entrevistada: abafar o assunto...

Entrevistadora: ...e deixar ver o que acontece.

Entrevistada: porque os professores tudo é processo, tudo é ministério público. E realmente os pais denunciam mesmo, que não estão nem aí, denunciam mesmo. Então tem que fazer uma conscientização pra que o professor possa trabalhar livremente. Claro que o professor também tem que se preparar né, a gente tem que se preparar, a gestão tem que se preparar pra poder a gente preparar esses meninos aí né. Mas eu acredito que quando o aluno ele sabe da informação, uma informação dada pela escola, aquela, não é só aquela aula do quadro, dos slides, não é só aquilo não, aquela conversa, uma roda de conversa com os professores né, pra eles tirarem as dúvidas deles, pra o professor conversar abertamente. Éh:: porque em casa esses alunos já vivenciam isso num é, dentro de casa com o pai com respeito, e porque na escola não? Na escola ele está com os pares deles, eles conversam uns com os outros né. Então seria muito importante que o professor fizesse parte disso, que a educação fizesse parte disso também, mas não é o que a gente vê. Eu estou na escola como professora a trinta e poucos anos né, e cada vez mais é complicado a questão da temática.

**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP**

**DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

**Título da Pesquisa:** Educação Sexual como desafio à gestão escolar: uma abordagem sob a perspectiva da Educação Popular

**Pesquisador:** Marcos Angelus Miranda de Alcantara

**Área Temática:**

**Versão:** 1

**CAAE:** 46683421.4.0000.5188

**Instituição Proponente:** CENTRO DE EDUCAÇÃO

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

**DADOS DO PARECER**

**Número do Parecer:** 4.826.602

**Apresentação do Projeto:**

Este projeto de pesquisa tem como objetivo geral analisar como a gestão escolar compreende a presença da educação sexual na escola pública. O referencial teórico está construído em torno das categorias da sexualidade (FOUCAULT, 1997), da gestão escolar (SANDER, 2009; LIMA, et. al. 2011) e da educação popular (FREIRE, 1987). O projeto pretende abordar seu objeto em uma perspectiva fenomenológica (TRIVINHOS, 2013) por meio de uma pesquisa qualitativa (MINAYO, 1998). Os dados serão coletados durante o trabalho de campo (PIANA, 2009), em duas escolas da rede municipal de João Pessoa. A coleta dos dados ocorrerá através de entrevistas semiestruturadas (FRASER e GONDIM, 2004) e analisadas por meio da análise de conteúdo (BARDIN, 1977). Em suma, diante do objetivo geral, do referencial teórico e metodológico, pretendemos investigar a hipótese de que a gestão escolar tem uma compreensão de que a educação sexual deve estar restrita no sentido de evitar doenças, gravidez precoce e abuso sexual. A que denota uma compreensão limitada do problema, diante aspectos como autocuidado, autoconhecimento, respeito à diversidade e problematização de preconceitos.

**Endereço:** Prédio da Reitoria da UFPB - 1º Andar

**Bairro:** Cidade Universitária

**CEP:** 58.051-900

**UF:** PB

**Município:** JOAO PESSOA

CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB



Continuação do Parecer: 4.826.602

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

- Analisar como a gestão escolar compreende a presença da educação sexual na escola pública

Objetivo Secundário:

- Refletir sobre a categoria sexualidade como objeto de controle das práticas religiosas, médicas e educativas;
- Discutir sobre o papel da gestão escolar como instância corresponsável pela promoção da educação sexual na escola pública.
- Abordar o problema da sexualidade sobre a perspectiva da Educação Popular.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Os riscos e benefícios foram bem avaliados

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O pesquisador observou todos os requisitos necessários previstos nas resoluções do CNS.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Todos os termos de apresentação obrigatória encontram-se presentes.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Sou favorável à APROVAÇÃO do referido projeto.

Considerações Finais a critério do CEP:

Certifico que o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba – CEP/CCS aprovou a execução do referido projeto de pesquisa. Outrossim, informo que a autorização para posterior publicação fica condicionada à submissão do Relatório Final na Plataforma Brasileira de Notificação, para fins de apreciação e aprovação por este egrégio Comitê.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Prédio da Reitoria da UFPB, 1º Andar  
Bairro: Cidade Universitária CEP: 58.051-900  
UF: PB Município: JOAO PESSOA  
Telefone: (83)3216-7791 Fax: (83)3216-7791 E-mail: comitedeetica@ccs.ufpb.br



**CENTRO DE CIÊNCIAS DA  
SAÚDE DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DA PARAÍBA -  
CCS/UFPB**



Continuação do Parecer: 4.826.602

| Tipo Documento                                            | Arquivo                                       | Postagem               | Autor                                  | Situação |
|-----------------------------------------------------------|-----------------------------------------------|------------------------|----------------------------------------|----------|
| Informações Básicas do Projeto                            | PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1748737.pdf | 11/05/2021<br>14:36:56 |                                        | Aceito   |
| Folha de Rosto                                            | folha_assinada_.pdf                           | 11/05/2021<br>14:35:57 | Marcos Angelus<br>Miranda de Alcantara | Aceito   |
| Projeto Detalhado / Brochura Investigador                 | ProjetoTCC_Rosy_27_04.pdf                     | 07/05/2021<br>15:51:52 | Marcos Angelus<br>Miranda de Alcantara | Aceito   |
| TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência | TCLE.pdf                                      | 07/05/2021<br>15:47:19 | Marcos Angelus<br>Miranda de Alcantara | Aceito   |
| Outros                                                    | Anuencia.pdf                                  | 07/05/2021<br>15:18:06 | Marcos Angelus<br>Miranda de Alcantara | Aceito   |
| Outros                                                    | Certidao.pdf                                  | 07/05/2021<br>15:15:37 | Marcos Angelus<br>Miranda de Alcantara | Aceito   |
| Cronograma                                                | Cronograma.pdf                                | 07/05/2021<br>15:13:15 | Marcos Angelus<br>Miranda de Alcantara | Aceito   |

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

JOAO PESSOA, 05 de Julho de 2021

Assinado por:

Eliane Marques Duarte de Sousa  
(Coordenador(a))